



**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

Mónica Andreia da Silva Gonçalves

**Namoro na adolescência: atitudes de legitimação  
de violência e estratégias de resolução de conflitos  
em adolescente nos Açores**

Dissertação apresentada na Universidade dos Açores,  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Educação,  
Especialidade em Contextos Comunitários

Trabalho efectuado sob a orientação de:  
Prof. Doutora Suzana Nunes Caldeira

Ponta Delgada, 2013

Mónica Andreia da Silva Gonçalves

**Namoro na adolescência: atitudes de legitimação  
de violência e estratégias de resolução de conflitos  
em adolescente nos Açores**

Dissertação apresentada na Universidade dos Açores,  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Educação,  
Especialidade em Contextos Comunitários

## RESUMO

O presente estudo pretende ser um contributo para conhecer o que pensam adolescentes dos Açores sobre o problema social que é a violência na intimidade. Assim, os objectivos desta investigação foram: (1) tomar conhecimento de atitudes de legitimação de adolescentes acerca da violência no namoro, (2) tomar conhecimento de estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) adoptadas nas relações de namoro, e (3) averiguar se as atitudes de legitimação de violência e as estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) diferem em função do sexo, ano de escolaridade, nível sócio-económico e autoconceito de adolescentes. A amostra foi recolhida em ambiente escolar e foi constituída por 267 alunos. O protocolo de investigação foi composto pela Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), pelo Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI), e pela Escala de Piers-Harris (PHCSCS – versão reduzida para investigação).

Os resultados mostraram que relativamente às atitudes de legitimação de violência nas relações amorosas, no geral, a maioria dos participantes parece não legitimar o uso da violência nas relações amorosas. No que se refere às estratégias de resolução de conflitos adoptadas nas relações de namoro, no geral, a maioria dos participantes demonstrou não adoptar estratégias de resolução de conflitos abusivas nas suas relações de namoro e afirmou igualmente que os seus parceiros(as) não utilizam estas estratégias. Em relação às estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas, no geral, os participantes referiram alguma utilização destas estratégias nas suas relações amorosas e afirmaram igualmente alguma utilização pelos(as) seus(suas) parceiros(as). Na legitimação da violência, apenas a variável sexo se destacou diferencialmente e nas estratégias de resolução de conflitos, só as variáveis sexo e ano de escolaridade foram as que se distinguiram.

## ABSTRACT

The present study intends to be a contribution in knowing what the adolescent population of Azores think about the social problem that is adolescent's intimacy violence. Therefore, the objectives of this investigation were: (1) know adolescent's dating violence attitudes of legitimacy, (2) know conflict resolution strategies (abusive/non abusive) adopted in dating relationships, and (3) investigate if the dating violence attitudes of legitimacy and the conflict resolution strategies (abusive/non abusive) differ depending on the adolescent's sex, year of schooling, social economic status and self-concept. The sample was collected in the school environment and was constituent by 267 students. The questionnaires used in the investigation were the *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (EAVN), *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) and the *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale* (PHSCS).

The results show that, in general, the majority of participants appear to not legitimize the use of violence in romantic relationships. The participants said that they and their partners don't adopt abusive conflict resolution strategies in the dating relationships. Sometimes they use positive conflict resolution strategies in the romantic relationships as well as their partners. Concerning the violence legitimacy, only sex was the variable that differentially detach and in the conflict resolution strategies, just the sex and year of schooling variables were the ones that distinguish.

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Doutora Suzana Nunes Caldeira, pela disponibilidade e apoio, pela orientação, pela confiança transmitida ao longo deste trabalho e pelo rigor científico exigido.

À Direcção Regional da Educação e Formação, por autorizar a realização do presente estudo.

Aos Concelhos Executivos das Escolas de Angra do Heroísmo e Ponta Delgada, por autorizarem a recolha de dados.

Aos participantes que colaboraram no estudo, pelo seu valioso contributo. Sem eles nada teria sido possível.

À minha querida família, à minha Mãe, ao meu Pai e aos meus irmãos, pelo amor, apoio, incentivo e confiança que sempre transmitiram.

À Marta, pela amizade, estima, apoio, conversas e gargalhadas partilhadas ao longo de 5 anos e que continuarão a repetir-se por muitos mais.

## **ABREVIATURAS**

APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)

DREF (Direcção Regional da Educação e Formação)

GEPMJ (Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Justiça)

UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta)

## ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO .....	9
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	11
1.1 Violência nas relações de namoro .....	12
1.2 Tipos de violência .....	16
1.3 Legitimação ou não legitimação da violência .....	26
1.4 Argumentos legitimadores da violência .....	29
1.5 Atitudes e crenças relacionadas com a violência física e psicológica ...	30
1.6 Atitudes e crenças relacionadas com a violência sexual .....	32
1.7 Factores de risco para a violência física e psicológica .....	34
1.8 Factores de risco para a violência sexual .....	39
II. ESTUDO EMPÍRICO .....	41
2.1 Objectivos .....	42
2.2 Hipóteses .....	42
2.3 Método .....	42
2.3.1 Participantes .....	43
2.3.2 Instrumentos .....	43
2.3.3 Procedimentos .....	47
2.4 Apresentação e Discussão de Resultados .....	48
CONCLUSÃO .....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	63
ANEXOS .....	75
Anexo I. Caracterização dos participantes	
Anexo II. Consentimento Informado (Presidente do Conselho Executivo)	
Anexo III. Consentimento Informado (Encarregado de Educação)	
Anexo IV. Questionário sobre o Namoro na Adolescência (QNA)	
Anexo V. Medidas descritivas dos itens das subescalas da EAVN	
Anexo VI. Medidas descritivas dos itens das subescalas da CADRI	

## ÍNDICE DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1. Estudo da legitimação de violência no namoro. Medidas descritivas no total da escala e nas subescalas da EAVN .....	49
Quadro 2. Estudo dos conflitos nos relacionamentos de namoro. Medidas descritivas nas subescalas de <i>Comportamentos do Próprio</i> e <i>Comportamentos do Outro</i> – CADRI .....	51
Quadro 3. Legitimação de violência no namoro e as variáveis descritivas da amostra. Estudo das diferenças entre médias .....	54
Quadro 4. Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio e do outro no namoro e as variáveis descritivas da amostra. Estudo das diferenças entre médias .....	56
Quadro 5. Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do próprio e do outro no namoro e as variáveis descritivas da amostra. Estudo das diferenças entre médias .....	56

## INTRODUÇÃO

Na última década tem vindo a crescer a atenção empírica dada à problemática da violência nas relações de namoro entre adolescentes (Katz, Kuffel & Coblenz, 2002; Callahan, Tolman & Saunders, 2003; Johnson, Frattaroli, Campbell, Wright, Pearson-Fields & Cheng, 2005). Inicialmente, o contexto universitário foi o campo de estudo privilegiado (Cleveland, Herrera & Stuewig, 2003), mas gradualmente as pesquisas estenderam-se a outros níveis de ensino e revelaram que a violência nas relações amorosas pode surgir igualmente no ensino secundário ou no início da fase da adolescência (Cano, Avery-Leaf, Cascardi & O'Leary, 1998). De facto, para Bethke e DeJoy (1993, ref. por Wekerle & Wolfe, 1999), o fenómeno da violência no namoro entre adolescentes inicia-se entre os 15 e os 16 anos de idade.

Mas apesar do crescente interesse dos investigadores no estudo deste fenómeno, Hickman, Jaycox e Aronoff (2004) destacam factores que dificultam a investigação da violência nas relações amorosas entre adolescentes, nomeadamente, dificuldades na operacionalização do conceito de violência no namoro, condições de acesso à população adolescente (solicitar a autorização dos pais/encarregados de educação) e a ausência de um estatuto legal referente à violência nas relações de namoro (o que tem dificultado a sinalização destas situações e o acesso de adolescentes aos serviços de apoio).

Esta dissertação, que procura contribuir para o conhecimento do fenómeno na Região Açores, em termos do corpo do trabalho, está organizada, em dois capítulos intitulados por Enquadramento Teórico e Estudo Empírico. Integram ainda esta dissertação a Introdução e a Conclusão, as Referências Bibliográficas e um conjunto de Anexos.

Detalhando um pouco mais a organização do corpo do trabalho, no Enquadramento Teórico, composto por oito pontos, pretendemos dar a conhecer o fenómeno da violência nas relações amorosas entre adolescentes. Assim, apresentamos, no ponto 1, um enquadramento do tema seguido da operacionalização do conceito de violência no namoro e de alguns dados relativos à prevalência de vitimação ou perpetração de algum tipo de violência nas relações amorosas. No ponto 2, expomos algumas tipologias que caracterizam a violência nas relações de intimidade, bem como, as suas definições e, também, dados de prevalência por tipo de violência, especificando, sempre que possível, em termos de vitimação e perpetração e, ainda, em função do género. No ponto 3 expomos também pesquisa efectuada no âmbito geral de atitudes

e/ou crenças de legitimação ou invalidação da violência no namoro de adolescentes e jovens, sempre que possível com referência a diferenças entre géneros. Procura-se, ainda, no ponto 4, indicar argumentos legitimadores usados pelos adolescentes, também com alguma referência a diferenças entre géneros. Nos pontos 5 e 6 dá-se algum destaque a atitudes e crenças relacionadas com a violência física, psicológica e sexual, por constituírem três tipos de violência com relevo na literatura no domínio das relações de namoro. Por fim, no ponto 7, apresentamos factores de risco que concorrem para a possível vitimização e/ou perpetração de violência física, psicológica e/ou sexual nas relações íntimas de adolescentes.

O Estudo Empírico, que corresponde ao segundo capítulo, é constituído por quatro pontos, nomeadamente no ponto 1 são apresentados os objectivos, no ponto 2 formulam-se as hipóteses, no ponto 3 é descrito o método usado, indicando os participantes, os instrumentos e os procedimentos, no ponto 4 apresentam-se e discutem-se os resultados.

Acredita-se ser indispensável o conhecimento substantivo desta temática, de forma a existirem dados disponíveis para a elaboração de programas de prevenção ou intervenção eficazes neste contexto como, por exemplo, o projecto de prevenção efectuado no ano lectivo de 2000/2001 na Escola Secundária das Laranjeiras, na cidade de Ponta Delgada (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006) ou acções de informação organizadas por instituições com relevante papel comunitário, como a APAV ou a UMAR.

Assim, este estudo pretende dar um contributo nesse sentido, caracterizando uma amostra de adolescentes dos Açores (Angra do Heroísmo e Ponta Delgada) no que respeita ao problema social que é a violência na intimidade de adolescentes. Espera-se que os resultados que vierem a ser produzidos possam vir a inspirar algumas linhas gerais de reflexão e intervenção neste domínio.

**Capítulo I**  
**ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1.1 Violência nas relações de namoro**

A violência nas relações amorosas é um dos tipos de violência mais usual na sociedade (Wolfe, Wekerle & Scott, 1997). Especificamente no que concerne à violência no namoro, Makepeace (1981, ref. por Ehlert, 2007), apontado na literatura como a primeira grande referência no que toca ao estudo desta problemática, verificou que a prevalência de violência entre namorados era muito semelhante à verificada no contexto conjugal.

Mais recentemente, Callahan, Tolman e Sanders (2003) salientam que a violência no namoro é um problema de índole social, sobre o qual a atenção de investigadores e técnicos tem vindo progressivamente a aumentar nos últimos anos. Contudo, para Swart, Seedat, Stevens e Ricardo (2002), esta atenção ainda não é suficiente.

Como a violência nas relações amorosas pode ser vivenciada desde o início da fase da adolescência até à idade adulta dos indivíduos (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000, ref. por Caridade & Machado, 2006), actualmente existe uma maior preocupação com as faixas etárias mais novas como, por exemplo, os estudantes do ensino secundário e superior (Caridade & Machado, 2006).

De facto, recentes publicações nacionais e internacionais nesta área revelam a existência de comportamentos violentos no namoro em faixas etárias mais novas, designadamente, nos adolescentes (Callahan *et al.*, 2003; Caridade, 2008; Caridade & Machado, 2006; Ehlert, 2007; Halpern, Oslak, Young, Martin & Kupper, 2001), o que contraria a ideia de que a violência nas relações de namoro é um acontecimento raro ou inexistente (Clark, Becken, Wells & Dungee-Anderson, 1994, Marshall & Rose, 1987, O'Keefe, Brockopp & Chew, 1986, Riggs, O'Leary & Breslin, 1990, ref. por Lewis & Fremouw, 2001; Lane & Gwarney-Gibbs, 1985), reforçando, ao invés, a ideia que a violência nas relações amorosas de adolescentes é uma grave problemática social e de saúde pública (Ashley & Foshee, 2005).

A violência no namoro pode começar nas relações amorosas de adolescentes que frequentam o ensino básico ou secundário (Holt & Espelage, 2005), pode igualmente suceder nas relações íntimas de estudantes do ensino superior (Bougere, Rowley & Lee, 2004, ref. por West, 2008) e prolongar-se até ao período de noivado entre os membros do casal (McLaughlin, Leonard & Senchak, 1992).

Aliás, segundo Hamberger e Ambuel (1998, ref. por Coker, McKeown, Sauderson, Davis, Valois & Huebner, 2000), a existência de comportamentos violentos

entre parceiros amorosos aparentemente é mais frequente entre os casais adolescentes do que os casais casados.

Mas o que se entende por violência no namoro? Como é que este conceito se encontra definido na literatura?

A violência no namoro pode ser definida como a manifestação de comportamentos violentos ou a ameaça do recurso à violência por pelo menos um dos parceiros (mesmo sexo ou sexos opostos) da relação íntima e entre os quais não existe uma ligação conjugal (Sugarman & Hotaling, 1989, ref. por Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps & Kub, 2003).

Semelhante é a definição de violência no namoro como sendo o uso da violência ou a verbalização da intenção de recurso à violência por, pelo menos, um dos membros da relação amorosa em que não existe um vínculo conjugal. Os abusos perpetrados podem ser de cariz físico, verbal, emocional ou sexual (National Center for Injury Prevention and Control, 1997, ref. por West, 2008).

Jezi, Molidor e Wright (1996) operacionalizam o conceito de violência no namoro como a ameaça ou a perpetração de violência física, psicológica ou sexual ao outro membro da relação não conjugal e em que um dos parceiros amorosos ou mesmo ambos têm idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos de idade.

Para Wolfe e Feiring (2000, p. 12, *cit. in* Ehlert, 2007), a violência no namoro pode ser definida como “qualquer tentativa física, psicológica ou sexual de controlar ou dominar a outra pessoa e que pode resultar em danos ou ferimentos”.

A definição dada pelo *Washington State Office of the Attorney General* (2007, ref. por Ehlert, 2007) é muito semelhante à de Wolfe e Feiring, ou seja, a violência no namoro decorre no contexto de uma relação de namoro, na qual um dos parceiros amorosos procura controlar e ter mais poder que o outro parceiro através de actos de violência emocional, física, psicológica ou sexual.

Por fim, Lavoie, Robitaille e Hebert (2000, *cit. in* Cornelius & Resseguie, 2007, p. 365) definem a violência no namoro como “qualquer comportamento que é prejudicial para o desenvolvimento saudável do(a) parceiro(a), através do compromisso da sua integridade física, psicológica e/ou sexual”.

No que se refere à definição de violência no namoro adoptada no presente estudo, recorreu-se à operacionalização apresentada por Lavoie *et al.* (2000, ref. por

Cornelius & Resseguie, 2007), ou seja, que a violência no namoro pode ser definida como a adopção de comportamentos que visam prejudicar a(o) companheira(o) a nível físico, psicológico e/ou sexual.

Estudos sobre a prevalência de comportamentos abusivos nas relações de namoro apontam para valores não desprezáveis, embora nem sempre coincidentes. Sugarman e Hotaling (1989, ref. por Lewis & Fremouw, 2001) referem três justificações para o facto: em primeiro lugar, torna-se difícil fazer a comparação entre investigações porque estas diferem ao nível das amostras, da metodologia utilizada e ainda da análise realizada com os dados obtidos; em segundo lugar, as definições de violência no namoro variam de estudo para estudo; por último, há investigações que procuram analisar as situações de violência em relações amorosas passadas, enquanto outras abordam as situações de violência em relações amorosas actuais.

Considerando estas limitações, os resultados encontrados, quer em estudos internacionais, quer no referente aos realizados no nosso país, não deixam de representar um sinal de alerta ou mesmo traduzir situações preocupantes.

Em termos de investigações internacionais, por exemplo, no trabalho de Watson, Cascardi, Avery-Leaf e O’Leary (2001, ref. por Gover, 2004), encontra-se que a prevalência de algum tipo de acto abusivo na relação de namoro entre os estudantes do ensino secundário pode variar entre 9% a 46%.

Num outro estudo, realizado por Foshee, Luz McNaughton Reyes e Ennett (2010, ref. por Wekerle & Tanaka, 2010) com alunos de 1 666 escolas públicas, registou-se uma prevalência de perpetração de violência no contexto do namoro de cerca de 16% entre os participantes.

No mesmo alinhamento, Foshee, Bauman, Arriaga, Helms, Koch e Linder (1998), no seu estudo com alunos dos 8.º e 9.º anos de escolaridade na Carolina do Norte, apuraram que 25% dos participantes já sofreram algum tipo de condutas violentas nas suas relações amorosas.

Por sua vez, Swahn, Simon, Hetz, Arias, Bossarte, Ross, Gross, Iachan e Hamburger (2008) realizaram um estudo com 4 131 estudantes dos 7.º, 8.º 11.º e 12.º anos de escolaridade de um distrito urbano de alto risco (alto nível de pobreza, grande número de famílias monoparentais, existência de crimes severos e altas taxas de desemprego), tendo concluído que 30.7% dos participantes foram vítimas de violência no namoro e 24.8% foram violentos com os(as) respectivos(as) companheiros(as).

Sears e Byers (2010, ref. por Wekerle & Tanaka, 2010), ao estudarem alunos entre os 7.º e os 11.º anos de escolaridade, encontraram que a prevalência de vitimação no sexo feminino foi entre 44% e 62% e no sexo masculino entre 40% e 60%. E o tipo de violência mais sofrida pelos participantes inquiridos de ambos os sexos foi a violência psicológica (Sears & Byers, 2010, ref. por Wekerle & Tanaka, 2010).

A nível nacional, na investigação de Caridade (2008), com 4667 estudantes dos ensinos secundário, profissional e universitário, com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos, observou-se que 25.4% dos participantes referiram ter sido vítimas de pelo menos um acto violento durante o último ano de namoro e 30.6% afirmaram ter adoptado este tipo de conduta em relação ao seu/sua companheiro/a.

Nos Açores, num levantamento efectuado por Caldeira (2012) junto de 46 jovens de ambos os sexos, de idades compreendidas entre os 16 e os 29 anos, com relações de namoro íntimo, na maioria dos casos (43), também se registaram valores indicadores de vitimação que oscilaram entre 13% e 48%, em função do tipo de comportamento abusivo inculcado.

Como já mencionado, estes dados representam um sinal de alerta com significado acrescido, pois a violência de que um indivíduo é vítima ou perpetrador na fase da adolescência pode ser um factor que aumenta a probabilidade da manifestação de comportamentos violentos quando este se tornar um adulto (Callahan *et al.*, 2003; Foshee, Ennett, Bauman, Benefield & Suchindran, 2005, Feiring & Furman, 2000, ref. por Ehlert, 2007; Gagne, Lavoie & Hebert, 2005; Henton, Cate, Koval, Lloyd & Christopher, 1983).

De facto, quanto mais duradouras forem as relações amorosas violentas entre adolescentes, maior tendência têm estas para piorar, nomeadamente, ao nível de agravamento dos abusos e da frequência com que esses abusos ocorrem (Hamberg, Holtzworth & Munroe, 1994, ref. por Caridade & Machado, 2006), o que pode ser um factor preditivo de violência matrimonial (Bouchey & Furman, 2003; Hamby, 1998).

Também Sugarman e Hotaling (1991, ref. por Caridade & Machado, 2006), a partir da revisão de vinte estudos, constataram que aproximadamente 28% dos participantes de ambos os géneros estiveram anteriormente em relações amorosas abusivas ou encontravam-se no momento em relações íntimas violentas e que a ocorrência de situações de violência era mais provável nas relações mais duradouras e nas quais os indivíduos já coabitavam com os parceiros amorosos.

Ainda, segundo Matos (2000, ref. por Caridade & Machado, 2006), de um modo geral, as relações de namoro com companheiros violentos e controladores são seguidas por relações conjugais igualmente violentas e opressoras. Semelhantemente, num estudo espanhol realizado junto de participantes do sexo feminino verificou-se que 18.2% das mulheres questionadas foram vítimas de violência antes de partilharem uma habitação com os seus companheiros amorosos (Gómez, Méndez-Valdivia, Izquierdo, Muñiz, Díaz, Herrero & Coto, 2002).

De seguida, apresentamos os tipos de violência na intimidade referenciados na literatura com que contactámos e as indicações sobre a prevalência de comportamentos violentos. Importa, no entanto, referir que os investigadores não têm uma forma única e consensual de categorizar os comportamentos de violência na intimidade, o que se reflecte, de certo modo, em alguma disparidade na expressão da prevalência encontrada nos estudos empíricos efectuados (Lewis & Fremouw, 2001; Teten, Ball, Valle, Noonan & Rosenbluth, 2009).

## **1.2 Tipos de violência**

### **Violência física**

A violência física pode ser definida como qualquer abuso físico praticado contra o(a) companheiro(a) amoroso(a) ou a ameaça do uso da violência por pelo menos um dos membros da relação amorosa (Sugarman & Hotaling, 1989, ref. por Simonelli, Mullis, Elliott & Pierce, 2002).

Este tipo de violência caracteriza-se por todas as acções que causam ferimentos ou dores no outro, tais como, dar pontapés, empurrar, bater ou dar beliscões. (Washington State Office of the Attorney General, 2007, ref. por Ehlert, 2007).

Em relação aos valores de prevalência de violência física, estudos realizados com estudantes entre os 9.º e 12.º anos de escolaridade revelam que cerca de um terço destes já vivenciou algum tipo de violência física nas suas relações de namoro (Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary & Cano, 1997; Jezl *et al.*, 1996; Malik, Sorenson & Aneshensel, 1997; Molidor & Tolman, 1998, Reuterman & Burcky, 1989, ref. por Callahan *et al.*, 2003). Halpern *et al.* (2001), no estudo longitudinal realizado com 7500 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos, são mais específicos, afirmando que 3 em cada 10 destes adolescentes tinham vivido alguma situação de

violência física. Por sua vez, Carver (2000, ref. por Paiva & Figueiredo, 2003), numa pesquisa com estudantes pré-universitários do sexo feminino, observou que 52% das participantes se encontravam em relações amorosas onde ocorreram abusos físicos. No levantamento de Caldeira (2012) não foram mencionadas ameaças ou práticas físicas abusivas entre os jovens auscultados.

Em termos de vitimação e perpetração, na investigação de Watson *et al.* (2001, ref. por Glass *et al.*, 2003), 45.5% dos adolescentes inquiridos de ambos os sexos referiram ter sido, simultaneamente, vítimas e perpetradores de violência física nas suas relações íntimas actuais ou do passado. A nível nacional, no estudo de Caridade (2008), 18.1% dos participantes referiram ter usado a violência física contra o seu/sua companheiro(a) amorosos(a) e 13.4% relatou ter sofrido violência física nas suas relações de namoro.

Focando apenas na vitimação, Ackard e Neumark-Sztainer (2002), num trabalho efectuado com adolescentes negros em Minnesota, apuraram que 7.2% dos participantes foram vítimas de actos de violência física. Noutra investigação de Ackard, Neumark-Sztainer e Hannan (2003, ref. por West, 2008), realizada igualmente com adolescentes negros, 7.9% dos participantes confessaram que as suas namoradas os ameaçaram de os magoar fisicamente ou que estas, de facto, os agrediram.

Também no estudo de Howard e Wang (2003), 10.6% dos adolescentes inquiridos afirmaram que no último ano foram propositadamente agredidos fisicamente pelas companheiras amorosas. Ainda, Jackson, Cram e Seymour (2000), num estudo com 314 adolescentes entre os 16 e os 20 anos de idade, 17.5% das raparigas e 13.3% dos rapazes revelaram já ter sofrido uma ou mais situações de violência física nas suas relações íntimas.

Em relação à perpetração, Swart, Seedat, Stevens e Ricardo (2002), numa investigação realizada com adolescentes na África do Sul, encontraram que 40% dos participantes foram fisicamente abusivos com os(as) namorados(as). No estudo de Flisher, Myer, Mèrais, Lombard e Reddy (2007), dos 521 adolescentes que mencionaram já terem tido uma relação de namoro, 20.7% indicaram que já bateram, pontapearam ou esbofetearam os(as) namorados(as). Dye e Eckhardt (2000, ref. por Paiva & Figueiredo, 2003) realizaram um estudo com 247 estudantes universitários, dos quais 27% confessou ter sido fisicamente agressivo com os(as) companheiros(as). Também em estudos de enfoque qualitativo, como o de Raj, Reed, Miller, Decker, Rothman e Silverman (2007) onde se efectuaram entrevistas a 19 jovens agressores com

idades compreendidas entre 17 e os 21 anos de idade, se encontra expressão da perpetração. Com efeito, 68% dos entrevistados referiu ter ameaçado as namoradas de violência física e 53% admitiu ter sido fisicamente agressivo com as companheiras. As ameaças de violência física consideradas neste estudo foram destruir objectos pertencentes à companheira, ameaçar a namorada de lhe bater ou atirar objectos. Já a violência física englobava actos como, torcer os braços, puxar os cabelos, bater, esbofetear, pontapear, sufocar a namorada, provocar uma entorse, contusão, ou outro tipo de ferimento.

Por último, no que diz respeito à relação entre género e vitimação/ perpetração de violência física nas relações de namoro, em alguns estudos as raparigas apresentam-se mais como perpetradoras de violência física que os rapazes (Foshee, Linder, Bauman, Langwick, Arriaga, Heath, McMahon & Bangdiwala, 1996, ref. por Glass *et al.*, 2003; Swart *et al.*, 2002; Straus, Aldrighi, Borochowitz, Brownridge, Chan, Figueiredo, Gagne, Galliher, Hebert, Jamieson, McMillan, Laporte, Paiva, Ramirez, Trochme, Walsh & Yodanis, 2002, ref. por Paiva & Figueiredo, 2005).

No entanto, nos estudos de Outlaw (2009) e Renninson e Welchans (2000, ref. por Paiva & Figueiredo, 2003) o género feminino destacou-se como sendo o mais vitimado no que se refere à violência física. Noutros estudos (Jezl *et al.*, 1996; Stets & Henderson, 1991, O'Keefe, 1997, ref. por Halpern *et al.*, 2001) o sexo masculino demonstra ser tão ou mais vítima que o sexo feminino. Na investigação de Haberyan e Kibler (2008), com 511 estudantes universitários, não se verificaram diferenças significativas entre os sexos, dado que, 25% dos inquiridos do sexo masculino e 21% do sexo feminino relatou ter experienciado situações de violência física no namoro na fase da adolescência.

### **Violência psicológica**

A violência psicológica pode ser entendida como a utilização de comunicação verbal e não-verbal com o objectivo de causar sofrimento psicológico na outra pessoa ou cuja tentativa é entendida como tendo esse intuito (Straus & Sweet, 1992).

Este tipo de violência inclui os actos que visam amedrontar o(a) companheiro(a) amoroso(a) como, por exemplo, através do recurso a ameaças e tentativas de isolamento (Washington State Office of the Attorney General, 2007, ref. por Ehlert, 2007). Para Johnson (1995, ref. por Caridade & Machado, 2006), exemplos de violência psicológica nas relações de namoro dos adolescentes são a coerção, a intimidação, o isolamento,

entre outras formas de controlo. Estas formas de controlo são por ele denominadas de “terrorismo patriarcal”.

Para Miller (1995, ref. por Outlaw, 2009), os actos de violência psicológica são utilizados pelo agressor para levar a vítima a interrogar-se sobre o seu pensamento e lógica, isto é, levar a que esta duvide de si mesma.

No que se refere à prevalência de vitimação na intimidade, no estudo longitudinal de Halpern *et al.* (2001), realizado com 7500 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos, evidenciou-se que 3 em cada 10 destes adolescentes sofreram alguma situação de violência psicológica. Na investigação de Caridade (2008), 19.5% dos participantes referiram ter sido vítimas de algum acto de violência psicológica. E no estudo de Paiva e Figueiredo (2005), efectuado com 318 alunos universitários, com idades entre os 19 e os 39 anos de idade, 50.8% admitiu que foi vítima deste tipo de violência.

Em relação à perpetração, no estudo de Caridade (2008), 22.4% dos participantes assumiram que cometeram actos de violência psicológica com o(a) seu/sua companheiro(a) amoroso(a) e na investigação de Paiva e Figueiredo (2005), 53.8% dos participantes referiu ter utilizado a violência psicológica com os(as) parceiros(as).

No que diz respeito à relação entre o género e a violência psicológica, para Straus e Sweet (1992) e Paiva e Figueiredo (2005) em termos de perpetração, não existem diferenças entre os sexos, ou seja, tanto os homens como as mulheres utilizam a violência psicológica.

### **Violência emocional**

A violência emocional, por vezes, também denominada na literatura como violência não física ou psicológica, abarca comportamentos verbais e não-verbais coercivos (Murphy & O’Leary, 1989, ref. por Simonelli, Mullis, Elliott & Pierce, 2002). Para Miller (1995, ref. por Outlaw, 2009), a violência emocional traduz-se em todos os comentários e acções realizados com a intenção de a vítima se sentir desvalorizada e desrespeitada. Os insultos, acusações, chamar nomes ou envergonhar a pessoa publicamente, bater com a porta ou destruir objectos são exemplos de violência emocional (Murphy & O’Leary, 1989, ref. por Simonelli *et al.*, 2002; Miller, 1995, ref. por Outlaw, 2009).

Em relação à prevalência da violência emocional nas relações amorosas de adolescentes e jovens, por exemplo, Holt e Espelage (2005) constataram no seu estudo

que 64% dos estudantes negros do ensino básico e secundário tinham sido vítimas de violência emocional por parte das namoradas e Jackson *et al.* (2000) averiguaram que 79% dos participantes na sua investigação foram vítimas de pelo menos uma situação de violência emocional nas suas relações amorosas. Outlaw (2009) apurou que aproximadamente 15% dos 806 participantes revelaram ter sido vítimas de pelo menos um acto de violência emocional na intimidade.

No que se refere à associação entre a violência emocional e o género, no estudo de Outlaw (2009), não se encontraram diferenças significativas entre os géneros, mas na investigação de Jackson *et al.* (2000), o sexo feminino (81.5%) destacou-se como sendo mais vítima de violência emocional no namoro do que o sexo masculino (76.3%).

### **Violência relacional**

Segundo Cohall, Cohall, Bannister e Northridge (1999, ref. por Close, 2005) a violência relacional diz respeito à violência verbal/emocional ou física e que provoca danos psicológicos ou físicos no indivíduo. Já para Crick e Grotpeter (1995, ref. por Wright & Benson, 2010) a violência relacional corresponde a todos os comportamentos exibidos que intencionalmente visam prejudicar as relações íntimas. A violência relacional é utilizada com o intuito de fazer a outra pessoa na relação amorosa sentir-se indesejada e mal-amada através de actos como seduzir outras pessoas para deixar o(a) companheiro(a) ciumento(a), ameaçar terminar a relação ou quando zangado(a) não falar com o(a) parceiro(a) (Linder, Crick & Collins, 2002, ref. por Wright & Benson, 2010).

No que se refere a estudos que avaliam a relação entre o género e a violência relacional, Werner e Crick (1999, ref. por Wright & Benson, 2010) referem que ambos os sexos recorrem à violência relacional no contexto das relações de intimidade. Por outro lado, Linder *et al.* (2002, ref. por Wright & Benson, 2010) defendem que o sexo feminino utiliza mais a violência relacional nas relações amorosas do que o sexo masculino.

### **Violência social**

A violência social diz respeito ao isolamento social que é imposto à vítima por parte do agressor. Através de ameaças, persuasão ou uso da força, as vítimas são afastadas de amigos e familiares (Miller, 1995, ref. por Outlaw, 2009).

Relativamente à prevalência deste tipo de violência, na investigação de Outlaw (2009), dos 806 inquiridos cerca de 12% afirmou que experienciou pelo menos um episódio de violência social na relação amorosa.

No que se refere à relação entre o género e a violência social, na investigação de Outlaw (2009), o sexo masculino revelou uma maior tendência para ser vítima de violência social.

### **Violência sexual**

A violência sexual pode ser compreendida como o uso de variados comportamentos, entre os quais, a insistência, ameaças, uso da força física, persuasão e/ou abuso de álcool ou drogas com o intuito de coagir o/a companheiro/a a ter relações sexuais contra a sua vontade (Koss, 1988, ref. por Paiva & Figueiredo, 2003; Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996; Basile & Saltzman, 2002). E, de acordo com o *Washington State Office of the Attorney General* (2007, ref. por Ehlert, 2007), a violência sexual caracteriza-se por todos os actos de índole sexual, sejam eles implícitos ou explícitos, que provocam desconforto no outro.

É ainda de salientar que os actos de violência sexual usualmente são perpetrados por alguém conhecido da vítima, sendo que, na maioria dos casos, os agressores são os companheiros amorosos (Gross, Winslett, Roberts & Gohm, 2006, ref. por Caridade & Machado, 2008; Himelein, 1995; Muram, Hostetler, Jones & Speck, 1995).

Em relação a estudos que indicam a prevalência da violência sexual, Serquino-Ramiro (2005, ref. por Caridade & Machado, 2008), no seu trabalho realizado com adolescentes entre os 15 e os 19 anos de idade, observou que dos 600 participantes, 64% admitiu que já tinha perpetrado ou ter sido vítima de algum tipo de coerção sexual nas suas relações de namoro.

Em relação à vitimização, Jackson *et al.* (2000) averiguaram que 76.9% das participantes do sexo feminino e 67.4% dos participantes do sexo masculino já experienciaram uma ou mais actividades sexuais indesejadas.

Na investigação de Rhynard, Krebs e Glover (1997, ref. por Glass *et al.*, 2003), realizada com 165 estudantes do ensino secundário no Canadá (13-18 anos de idade), 26.1% dos adolescentes questionados revelaram que foram coagidos a realizar actividades sexuais contra a sua vontade e 40% mencionou ainda que essas actividades não foram acontecimentos isolados. As actividades mais mencionadas pelo sexo feminino, neste estudo, foram toques forçados, carícias e relações sexuais; já o sexo

masculino referiu mais vezes beijos forçados, terem de se despir e actos físicos violentos.

No estudo de Maforah, Jewkes e Vundule (1997, ref. por Wood, Maforah & Jewkes, 1998), realizado com raparigas na África do Sul, 31% das adolescentes grávidas e 18% das que não estavam grávidas relataram que a sua primeira vez foi uma relação sexual forçada. Além disso, 71% das grávidas e 60% das que não estavam grávidas referiram ter tido relações sexuais contra a sua vontade e, ainda, 11% das adolescentes grávidas e 9% das que não estavam grávidas também referiram ter sido violadas.

Na investigação de Ackard e Neumark-Sztainer (2002), cerca de 2.3% dos participantes confessaram que foram violados por raparigas com quem saíram em encontros amorosos. Noutro estudo dos mesmos autores com adolescentes negros do sexo masculino a frequentar o ensino secundário, 6.6% dos participantes relataram que tiveram relações sexuais contra a sua vontade (Ackard *et al.*, 2003, ref. por West, 2008).

Em relação à prevalência entre estudantes do ensino superior, Gidyez, Hanson e Layman (1995) sustentam que a vitimação é três vezes mais elevada entre estudantes universitários do sexo feminino do que na população em geral. Neste seguimento, Breitenbecher (2000), assim como Schwartz e DeKeseredy (1997, ref. por Caridade & Machado, 2008) referem que aproximadamente 50% dos estudantes universitários do sexo feminino já foram vítimas de algum tipo de violência sexual.

A nível nacional, segundo o Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Justiça (GEPMJ, 1998, ref. por Caridade & Machado, 2008), em 1998, 64% dos jovens portugueses até aos 29 anos de idade foram vítimas de violência sexual. Em 1997, as estatísticas do GEPMJ mostravam que 38.6% dos adolescentes com menos de 14 anos já tinham sofrido algum tipo de violência sexual, a percentagem de adolescentes vitimados entre os 15 e os 19 anos de idade era de 9.7% e 13.4% das vítimas eram jovens entre os 20 e os 29 anos de idade (ref. por Caridade & Machado, 2008). No estudo de Paiva e Figueiredo (2005), com 318 estudantes universitários, 25.6% dos inquiridos revelaram ter sido vítima de violência sexual.

No que se refere à perpetração de violência sexual, no estudo de Raj *et al.* (2007) realizado com 19 jovens do sexo masculino perpetradores na intimidade (17-21 anos de idade), 32% dos entrevistados revelaram ter sido sexualmente abusivos com as companheiras. Neste estudo, os actos considerados como violência sexual foram obrigar a namorada a ter relações sexuais contra a sua vontade, ameaçar a companheira de se

envolver sexualmente com outras raparigas caso esta se recuse a ter relações com ele e coagir a companheira a não ter de utilizar preservativo.

Numa investigação realizada com 3086 estudantes do ensino superior de 14 países, 39.3% dos participantes do sexo masculino e 18.6% do sexo feminino relataram ter forçado o(a) companheiro(a) a ter relações sexuais, 3% referiu ainda que para este propósito ameaçou o(a) companheiro(a) e 3.2% afirmou que foi fisicamente violento (Straus *et al.*, 2002, ref. por Paiva & Figueiredo, 2003).

Por fim, no estudo de Paiva e Figueiredo (2005), 18.9% dos participantes confessaram ter perpetrado algum acto de violência sexual, sendo que o sexo masculino reportou em maior número este tipo de violência.

No que se refere à relação entre o género e a violência sexual, em geral, a literatura revela que o sexo feminino sofre mais vitimização sexual do que o sexo masculino (Bergman, 1992; Foshee, 1996, Molidor & Tolman, 1998, ref. por Callahan *et al.*, 2003). Também Serquino-Ramiro (2005, ref. por Caridade & Machado, 2008) constatou este facto, no seu estudo, 65% das raparigas e 42% dos rapazes revelaram ter sido vítimas de algum tipo de violência sexual.

Porém, Jezl *et al.* (1996) numa investigação com alunos do ensino secundário não encontraram diferenças significativas entre sexos, embora, a proporção de raparigas vítimas (17.8%) tenha sido superior à de rapazes vítimas (11.4%) de algum acto de violência sexual. McConaghy e Zamir (1995, ref. por Caridade & Machado, 2008), Poitras e Lavoie (1995, ref. por Caridade & Machado, 2008), também haviam encontrado resultados semelhantes aos de Jezl *et al.* (1996), mas chamam a atenção para o facto das investigações acerca da perpetração sexual feminina ser escassa.

### ***Stalking***

Os estudos relativos ao fenómeno do *stalking* estão ainda em crescente desenvolvimento (Coelho & Machado, 2010). Inclusive, o fenómeno do *stalking* entre os adolescentes é considerado por alguns autores como sendo algo que raramente acontece (Scott & Elwyn, 2007, ref. por Purcell, Moller, Flower & Mullen, 2009).

Segundo Pathé e Mullen (1997, ref. por Purcell *et al.*, 2009), *stalking* consiste na manifestação de variados comportamentos por parte de um agressor. Estes comportamentos são considerados pela vítima como intrusivos e indesejáveis e levam a que esta fique perturbada e sinta medo do agressor. Para Melton (2000, ref. por Buhi,

Clayton & Surrency, 2008), este fenómeno caracteriza-se por uma perseguição deliberada, assédio persistente ou ameaças a alguém.

Mullen, Pathé e Purcell (2009, ref. por Purcell *et al.*, 2009) acrescentam que o *stalking* implica o(a) agressor(a) fazer-se notar a outra pessoa em contextos e situações em que não se justifica a presença do(a) agressor(a). Para Williams e Frieze (2005), os comportamentos de *stalking* estão associados a tentativas de iniciar ou recomeçar uma relação amorosa com a vítima.

Purcell, Pathé e Mullen (2004) sugerem que o *stalking* pode suceder em duas condições. A primeira é que este pode ocorrer durante um breve período de tempo, como por exemplo, alguns dias, e o assédio consiste em abordagens indesejáveis pela vítima e ser seguido(a) por estranhos. A segunda condição é que este fenómeno se pode caracterizar por períodos de assédio mais duradouros como semanas ou meses. O assédio pode consistir em ameaças, uso de violência, abordagens e comunicações indesejáveis pela vítima.

Associado ao conceito de *stalking* surge ainda o termo “*stalking by proxy*” que diz respeito às actividades de assédio a uma vítima que são realizadas conscientemente ou não por alguém a pedido do agressor (Mullen, Pathé & Purcell, 2000, ref. por Purcell *et al.*, 2009).

Relativamente à prevalência de *stalking*, no estudo de Purcell *et al.* (2009), realizado com 299 *stalkers*, dos quais 64% eram do sexo masculino e 36% do sexo feminino e cuja média de idades era de 15,4 anos, registou-se que as actividades mais frequentemente realizadas foram abordagens indesejáveis pelas vítimas, telefonemas, mensagens de texto e seguir as vítimas. É ainda de referir que a maioria das vítimas foi assediada por alguém que conhecia (98%) e apenas 2% das vítimas foram importunadas por estranhos.

No que se refere à relação entre o género e o *stalking*, o sexo feminino revela-se como sendo mais vítima e o sexo masculino como sendo mais o perpetrador (Spitzberg & Cupach, 2003; Purcell *et al.*, 2009).

Em síntese, em relação à violência física, em estudos internacionais, a prevalência varia entre valores relativamente baixos a valores mais surpreendentes, sobretudo nas faixas etárias mais novas, como os adolescentes. A nível nacional, comparativamente a alguns trabalhos empíricos internacionais, a prevalência de algum acto de violência física é relativamente reduzida. No que diz respeito à relação entre o

género e a vitimação ou perpetração violência física nas relações de namoro, grande parte dos estudos realizados demonstra que o sexo feminino é fisicamente mais agressivo nas relações íntimas do que o sexo masculino, mas noutros, as raparigas destacam-se mais como vítimas.

Relativamente à violência psicológica, tanto em investigações internacionais como em investigações nacionais, este tipo de violência é a mais comum nas relações amorosas de adolescentes. No que se refere à relação entre o género e a violência psicológica, em termos de perpetração, os estudos analisados evidenciam que não existem diferenças entre os géneros, ou seja, tanto os homens como as mulheres utilizam a violência psicológica nas suas relações de intimidade.

Em termos de violência emocional, tal como se verifica para a violência psicológica, de uma forma geral, os abusos emocionais são frequentes entre parceiros amorosos. Possivelmente isto deve-se ao facto que a violência emocional e a violência psicológica, embora tenham designações diferentes, correspondem a dois tipos de abuso muito idênticos.

A violência relacional é um dos tipos de abusos na intimidade pouco referenciado na literatura deste domínio. Não obstante este facto, no que se refere à relação entre o género e a violência relacional, para alguns autores, ambos os sexos recorrem à violência relacional no contexto das relações de intimidade; para outros, o sexo feminino utiliza mais a violência relacional nas relações amorosas do que o sexo masculino.

No que se refere à violência sexual, de modo geral, os valores de prevalência apresentados pelos estudos internacionais revelam que este tipo de abuso é frequente nas relações amorosas de adolescentes. É ainda de referir que, no que respeita à relação entre o género e a violência sexual, a maior parte dos estudos revela que o sexo feminino sofre mais vitimização sexual do que o sexo masculino.

Relativamente ao *stalking*, o seu estudo ainda está em crescente progressão. No que se refere à relação entre o género e o *stalking*, os estudos demonstram que o sexo feminino sofre mais este tipo de violência e o sexo masculino é quem mais manifesta comportamentos de *stalking*.

Por fim, é ainda importante mencionar que estes tipos de violência na intimidade, por vezes, não ocorrem somente nas relações de namoro, mas também noutro tipo de relações íntimas como, por exemplo, as relações de conjugalidade. Além dos tipos de violência acima descritos, a violência económica é outro exemplo de abuso

que pode ocorrer nas relações conjugais. A violência econômica ocorre quando o perpetrador faz com que a vítima dependa financeiramente daquele. O perpetrador é quem gere o dinheiro da vítima e quem decide quanto ela recebe ou não. Este controle financeiro leva a que as vítimas, por vezes, tenham que recorrer a outras medidas para obter o dinheiro que necessitam como, por exemplo, pedir mais dinheiro ao perpetrador, roubar ou pedir emprestado a alguém (Miller, 1995, ref. por Outlaw, 2009).

### **1.3 Legitimação ou não legitimação da violência**

São as atitudes e/ou crenças que os adolescentes possuem sobre a violência no namoro, que os predis põem para concordar ou não com a manifestação de comportamentos agressivos na intimidade; isto é, quando os adolescentes legitimam o uso de violência, tendem, mais provavelmente, a adotar comportamentos violentos nas suas relações de intimidade (Oliveira, 2009). Esta ideia encontra-se expressa em Cauffman, Feldman, Jensen e Arnett (2000, ref. por Oliveira, 2009), para quem a exibição de comportamentos agressivos por parte dos adolescentes se relaciona com a existência de atitudes de concordância com a violência, em Williams, Connolly, Pepler, Craig e Laporte (2008, ref. por McDonell, Ott & Mitchell, 2010), Trujano e Mata (2002, ref. por Franco, Bellerín, Borrego, Díaz & Molleda, 2012) e Connolly, Friedlander, Pepler, Craig e Laporte (2010), para quem uma maior legitimação da violência se associa a vivências violentas nas relações de namoro de adolescentes. Com efeito, segundo Schumacher e Slep (2004), adolescentes e adultos que referem concordar com a violência nas relações de namoro, apresentam maior probabilidade de afirmar que já perpetraram algum tipo de violência nas suas relações íntimas.

Outros autores (Arias & Johnson, 1989, Riggs & O’Leary, 1996; Cate *et al.*, 1982; Henton *et al.*, 1983) afirmam a mesma ideia, embora invertendo os termos da equação; ou seja, destacam que indivíduos que já tenham iniciado algum tipo de violência com o(a) companheiro(a) ou tenham sido vítimas de violência na intimidade, demonstram uma maior tendência para legitimar atitudes de violência.

Além disso, a fase da adolescência é um período crucial no que se refere à formação de atitudes acerca das relações amorosas e da intimidade com os parceiros (Wekerle & Wolfe, 1999) e também sobre o poder e controle nas relações amorosas (Wolfe & Feiring, 2000, ref. por Ehlert, 2007). Ainda Nabors, Dietz e Jasinski (2006, ref. por Sands, 2009) salientam que os adolescentes, mais que os adultos, demonstram

adotar crenças relativas à concordância com o uso da violência na intimidade e têm maior dificuldade em identificar o que são actos violentos.

Entre os jovens de ambos os sexos parece que o pensamento geral é o da não concordância com a violência nas relações íntimas (Mercer, 1988, O’Keefe, 1997, Machado, Matos & Moreira, 2003, Matos & Silva, 2001, ref. por Caridade & Machado, 2006; Costa & Sani, no prelo, Mendes, 2006, ref. por Caridade, 2008). Refira-se, a título mais concreto, o estudo recente de Miller (2011), com 1530 estudantes (43.9% do sexo masculino e 56.1% do sexo feminino) entre os 18 e os 25 anos de idade, no qual a maioria dos participantes manifestou que a violência nas relações íntimas não é algo normal ou aceitável.

Apesar da maioria dos adolescentes não aceitar a ocorrência de violência nas relações de namoro (Cate *et al.*, 1982; Henton *et al.*, 1983; Smith & Williams, 1992; Price, Byers & Dating violence research team, 1999, Machado, Caridade, & Martins, 2009, ref. por Saavedra, 2010; Cameron, Byers, Miller, McKay, Pierre, Glenn & Provincial Strategy Team for Dating Violence Prevention, 2007; Price, Byers, Sears, Whelan & Saint-Pierre, 2000), muitos também a consideram aceitável ou normal em algumas situações (Méndez & Hernández, 2001; Trujano & Mata, 2002, Harned, 2001, ref. por Muñoz-Rivas, Graña, O’Leary & González, 2007).

Um indício neste sentido parece vir do trabalho de Prospero (2006, ref. por Ehlert, 2007). Num estudo realizado pelo autor sobre percepções acerca de várias situações de violência no namoro apresentadas a jovens, apesar de eles as percepcionarem como não justificando uma resposta agressiva, inclinavam-se a esperar que o protagonista das situações tivesse uma resposta abusiva para com o(a) companheiro(a).

Também Fredland, Ricardo, Campbell, Sharps, Kub e Yonas (2005), num estudo com 54 adolescentes (22 rapazes e 32 raparigas) entre os 11 e os 13 anos de idade, encontraram resultados semelhantes, isto é, existem situações no namoro em que a violência é aceitável, designadamente quando os jovens se sentem despeitados ou desconsiderados pelo(a) companheiro(a). No mesmo sentido vai, ainda, a investigação realizada por Lucas (2002, ref. por Caridade, 2008), com adolescentes entre os 12 e os 17 anos de idade, onde o autor constatou que os participantes desculpavam o uso da violência nas relações íntimas. É ainda de salientar que estes referiram aceitar a

violência entre um rapaz e uma rapariga, mas apenas quando o agressor é o rapaz e a vítima a rapariga

E na investigação de Thongpriwan e McElmurry (2009), realizada com 24 raparigas adolescentes tailandesas entre os 15 e os 17 anos de idade, as participantes referiram que não toleravam de forma alguma a perpetração de violência dos rapazes nas relações de namoro, mas a perpetração de violência por parte das raparigas era justificável.

Em termos da comparação de género no respeitante à tolerância ou legitimação da violência, muitos trabalhos empíricos vêm indicando que os rapazes legitimam mais o uso da violência do que as raparigas (Bookwala, Frieze, Smith & Ryan, 1992, Finn, 1986, Jaffe, Sudermann, Reitzel & Killip, 1992, Lavoie, Vezina, Piche & Boivin, 1995, ref. por Jackson *et al.*, 2000, Machado, Matos & Moreira, 2003; Matos & Silva, 2001, ref. por Caridade & Machado, 2006; Lucas, 2002, ref. por Caridade, 2008; Miller, 2011; Cameron *et al.*, 2007; Price *et al.*, 2000).

Outros trabalhos não só constataram que o sexo masculino concorda mais com o uso da violência na relação de namoro, mas também que a relação entre estas atitudes de legitimação e a exibição de comportamentos violentos na intimidade é igualmente mais frequente entre o sexo masculino (Davis, Peck & Storment, 1993, O'Keefe, 1997, ref. por Feiring, Deblinger, Hoch-Espada & Haworth, 2002; Feltey, Ainslie & Geib, 1991).

É ainda de destacar que rapazes e raparigas aceitam mais a perpetração feminina da violência no namoro do que a masculina (Avery-Leaf *et al.*, 1997; O'Keefe, 1997, ref. por Lewis & Fremouw, 2001; Cameron *et al.*, 2007) o que para Avery-Leaf *et al.* (1997) se deve ao facto de as agressões masculinas, nas relações íntimas, serem um maior estigma social comparativamente às femininas. Porém, há a ressaltar que esta ideia não encontra suporte nos trabalhos de O'Keefe (1997, ref. por Lewis & Fremouw, 2001), pois o autor constatou que os rapazes aceitavam mais o seu próprio uso da violência na intimidade do que as raparigas.

Em relação à idade, alguns trabalhos empíricos evidenciam que adolescentes mais velhos legitimam menos a violência nas relações amorosas do que os adolescentes mais novos (Caridade, 2008; Matos *et al.*, 2006; Feiring, Deblinger, Hoch-Espada & Haworth, 2002). É também de referir que a legitimação do uso da violência na intimidade tende a aumentar com a idade dos indivíduos (Davis, Peck & Storment, 1993, ref. por Feiring *et al.*, 2002).

O nível sócio-económico também pode exercer um papel relevante na tolerância à violência nas relações amorosas, sendo que, alguns estudos constataram uma maior legitimação de violência na intimidade por parte dos participantes de níveis sócio-económicos mais desfavorecidos (Stets & Henderson, 1991, ref. por Caridade, 2008).

Uma outra variável que parece constituir um determinante significativo na aceitação ou não de actos de violência na intimidade é o grau de severidade das situações de violência (Miller & Buka, 2001, ref. por Merten, 2008).

#### **1.4 Argumentos legitimadores da violência**

Quando questionados sobre fundamentos, razões ou motivos que levam à tolerância da violência ou, mesmo, como a justificam, as respostas dadas pelos jovens, em diferentes estudos, parecem apresentar bastante consonância: tendem a indiciar a presença de premissas erróneas sobre relações amorosas. Por exemplo, os estudos de Roscoe e Callahan (1983) e Roscoe e Kelsey (1986) realçam que cerca de 25% a 35% dos adolescentes encaram as condutas abusivas como um acto de amor (ref. por Glass *et al.*, 2003). A dificuldade em perceber e lidar com as emoções parece ser outro aspecto justificativo, já que em O’Keefe (1997, ref. por Feiring *et al.*, 2002) e Peterson e Olday (1992, ref. por Jackson *et al.*, 2000), a raiva foi apresentada pelos participantes de ambos os sexos como sendo o principal motivo que conduzia a comportamentos violentos com os(as) companheiros(as). Para além disso, um grande número de adolescentes culpa as vítimas pelas manifestações de violência nas relações amorosas (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000, ref. por Caridade, 2008).

No estudo de Fredland *et al.* (2003), para os rapazes, traições, ciúmes e desrespeito foram os motivos apontados para justificar a violência com as namoradas; por sua vez, as raparigas mencionaram traições, abuso de drogas ou álcool, mentir, chamar nomes ou não cumprir promessas feitas como justificação da violência para com os companheiros amorosos. Ainda neste estudo, o sexo feminino referiu que usa a violência contra os namorados para se defender deles. Roscoe (1985), Makepeace (1986) e Saunders (1986) corroboram igualmente a ideia de que as mulheres referem a auto-defesa como justificação das situações de violência (ref. por Foo & Margolin, 1995).

Dutton e Browning (1988) e Holtzworth-Munroe (1992) verificaram que a violência é justificada pelo sexo masculino em situações geradoras de sentimentos de humilhação como, por exemplo, ciúmes, rejeição e humilhações públicas causados pelas

parceiras (ref. por Foo & Margolin, 1995). Também noutros estudos o sexo masculino minimiza os seus actos violentos justificando-os como actos de revolta (Patterson & Olday, 1999, ref. por Caridade & Machado, 2006) ou como consequência do ciúme ou das “provocações” femininas (Gagne & Lavoie, 1993, ref. por Caridade & Machado, 2006). Uma concretização desta ideia encontra-se em Black e Weisz (2004), numa investigação com adolescentes entre os 11 e os 16 anos de idade (15 rapazes e 15 raparigas), onde os participantes do sexo masculino referiram que o ciúme ou a infidelidade das namoradas justificavam o uso da violência contra estas.

As raparigas parecem deter uma perspectiva ligeiramente diferente, porquanto, na investigação de Thongpriwan e McElmurry (2009), demonstraram legitimar a violência perpetrada por uma rapariga, se um namorado for infiel ou flertar com outras raparigas, mas, se for a namorada a flertar com outros rapazes, 92% das participantes afirmaram que, apesar da acção praticada não ter sido correcta, a visada não merece ser agredida.

No estudo de Grishick (1993, ref. por Caridade & Machado, 2006), as raparigas evidenciaram que as situações abusivas vividas nos seus namoros eram provocadas pelo ciúme dos companheiros e consideradas, por elas, como actos de amor da parte deles, na esteira do já sugerido por Roscoe e Callahan (1983) e Roscoe e Kelsey (1986). Uma outra abordagem emerge da investigação de Gagne e Lavoie (1993), onde as raparigas demonstraram acreditar que os companheiros são violentos porque as procuram intimidar (ref. por Caridade & Machado, 2006).

### **1.5 Atitudes e crenças relacionadas com a violência física e psicológica**

Schumacher e Slep (2004) averiguaram que adolescentes e adultos com maior tendência para legitimar a violência nas relações amorosas, são os que mais relatam ter sido física ou psicologicamente violentos(as) com as suas(seus) companheiras(os). Slep, Cascardi, Avery-Leaf e O’Leary (2001, ref. por O’Leary, Slep, Avery-Leaf & Cascardi, 2008) encontraram nos seus resultados, para os participantes de ambos os sexos, uma associação entre a aceitação do uso de actos de violência física e a exibição de comportamentos de violência física nas relações de namoro.

Muñoz-Rivas, Graña, O’Leary e González (2007), num estudo realizado com 2416 adolescentes entre os 16 e os 20 anos de idade (58.6% do sexo feminino e 41.4% do sexo masculino), provenientes de 20 escolas secundárias públicas e privadas da

cidade de Madrid, apuraram que 38% das raparigas e 34% dos rapazes encararam as situações de violência física como sendo uma brincadeira com o(a) namorado(a).

Hird (2000) realizou uma investigação com 487 adolescentes entre os 13 e os 19 anos de idade e averiguou que muitas das raparigas referiram usar a violência física para se defenderem da violência física e/ou sexual perpetrada pelos namorados. Ainda neste estudo, os participantes de ambos os sexos demonstraram concordar que a violência física exercida por um rapaz é pior do que a perpetrada por uma rapariga no namoro, porque os rapazes têm mais força e existe maior de probabilidade de causarem danos mais severos do que as raparigas. Outra conclusão retirada desta investigação é que tanto as raparigas como os rapazes acham que os rapazes utilizam a violência como forma de manterem a relação amorosa.

No estudo de Thongpriwan e McElmurry (2009), as adolescentes afirmaram que mais facilmente toleram actos de violência emocional ou verbal do que violência física.

No que diz respeito à relação entre o género e a concordância com o uso da violência física, Jackson *et al.* (2002), apuraram que o sexo masculino tende a concordar com o recurso a este tipo de violência. É ainda de referir os estudos de Arias e Johnson (1989), bem como os de Rouse, Breen e Howell (1988) e Price, Byers, Sears, Whelan e Saint-Pierre (2000), nos quais, ambos os sexos consideram que a violência praticada pelas raparigas é menos negativa do que a perpetrada pelos rapazes, sendo que, na investigação de Arias e Johnson, foi o sexo masculino quem mais expressou esta convicção (ref. por Carlson, 1999). Também Slep *et al.* (2001) e Schwartz, O'Leary e Kendziora (1997) obtiveram resultados semelhantes nos seus estudos, isto é, que a perpetração feminina de violência física é considerada mais aceitável que a perpetração masculina de actos de violência física (ref. por O'Leary *et al.*, 2008).

Ainda no que se refere ao género, na investigação de Henton *et al.* (1983), efectuada com estudantes do ensino secundário, a violência física era mais frequente em adolescentes de ambos os sexos com personalidades agressivas, embora estes adolescentes desaprovassem o uso da violência na intimidade. E Parrott e Zeichner (2003) constataram na sua investigação, com 263 rapazes entre os 17 e os 29 anos de idade, que os rapazes que evidenciavam ter elevados níveis de raiva, tendiam a ser fisicamente violentos com as suas namoradas.

Na investigação de Price, Byers e *Dating violence research team* (1999), com 823 estudantes do 7.º, 9.º e 11.º anos de escolaridade, os estudantes do 11.º ano de

escolaridade demonstraram aceitar menos a violência física perpetrada por ambos os sexos, do que os estudantes dos 7.º e 9.º anos de escolaridade.

### **1.6 Atitudes e crenças relacionadas com a violência sexual**

No que concerne à violência sexual, os estudos produzidos procuram essencialmente conhecer as crenças e/ou mitos em torno da violação, designados na literatura internacional como “*rape myths*”. As crenças e/ou mitos em torno da violação caracterizam-se por estereótipos ou falsas crenças sobre a violação, vítimas e violadores (Burt, 1980, ref. por Buddie & Miller, 2002). Alguns exemplos destes estereótipos ou falsas crenças são que muitas mulheres querem ser violadas (Burt, 1980, Larsen & Long, 1988a, ref. por Lonsway & Fitzgerald, 1994); apenas certas mulheres são violadas, nomeadamente, mulheres com reputação negativa e pertencentes a minorias étnicas (Lonsway & Fitzgerald, 1994); ou que ser violado(a) por alguém conhecido como um(a) namorado(a), tem menos impacto psicológico na vítima, do que ser violado(a) por alguém estranho ou desconhecido (Bridges, 1991, ref. por Ben-David & Schneider, 2005). Lonsway e Fitzgerald (1994) consideram que as crenças e/ou mitos em torno da violação são atitudes e crenças falsas, cujo principal propósito é o de justificar as agressões sexuais perpetradas pelo sexo masculino.

Um dos grandes mitos sobre a violência sexual diz respeito à vitimação sexual masculina, mais especificamente, a ideia que os homens não são violados ou que quando os abusos sexuais acontecem, estes ocorrem somente em contexto prisional (Donnelly & Kenyon, 1996, ref. por Caridade, 2008).

No estudo de Geiger, Fischer e Eshet (2004, ref. por Caridade, 2008), os participantes demonstraram minimizar os actos de coerção sexual, sendo que foi o sexo masculino quem mais desculpabilizou a violência sexual. De forma geral, o mesmo se tem verificado noutras investigações neste domínio (Davis, Peck & Storment, 1993, Johnson, Kuck & Schander, 1997, ref. por Caridade, 2008, Dye & Roth, 1990, Ellis, O’Sullivan & Sowards, 1992, Muehlenhard & Linton, 1987, ref. por Kennedy & Gorsalka, 2002; Feltey, Ainslie & Geib, 1991).

Similarmente, nos estudos de Cowan e Campbell (1995), Haworth (2000, ref. por Anderson, Simpson-Taylor & Herrmann, 2004) e Smith e Welchans (2000, ref. por Anderson *et al.*, 2004), realizados com estudantes do ensino secundário, os rapazes revelaram concordar mais que as raparigas com as crenças de legitimação da violação do sexo feminino.

Também Hong e Cho (2002, ref. por Lee, Busch, Kim & Lim, 2007) verificaram na sua investigação com estudantes da Coreia que os rapazes, comparativamente às raparigas, demonstraram uma maior tendência em considerar que é aceitável ocorrerem relações sexuais forçadas no namoro e em culpabilizarem as vítimas pela ocorrência de situações de violência nas relações amorosas.

No estudo de Geiger *et al.* (2004, ref. por Caridade, 2008), 15% das participantes demonstraram adoptar algumas crenças de desvalorização da violação e de culpabilização da vítima. Em contrapartida, no estudo de Thongpriwan e McElmurry (2009), as participantes verbalizaram que a violência sexual nas relações íntimas não é justificável em nenhuma circunstância.

É ainda de referir que Bookwala, Frieze, Smith e Ryan (1992, ref. por Foo & Margolin, 1995) defendem que possuir crenças sexuais distorcidas associa-se à violência masculina nas relações de namoro, mas não à perpetração de violência feminina na intimidade.

No que respeita à relação entre os papéis de género tradicionais e a violência sexual, Price, Byers e *Dating violence research team* (1999), averiguaram que as mulheres, na maioria das vezes, cedem às pressões dos namorados devido à ideia de subordinação da mulher em relação ao sexo masculino e devido também ao medo de a relação terminar caso se recusem a fazer o que os namorados lhes impõem.

Já Blumberg e Lester (1991) e Marciniak (1998) evidenciam que alguns estudantes do ensino secundário, principalmente, os que perpetraram algum tipo de violência sexual, demonstram concordar mais com mitos de violação e de culpabilização das vítimas, do que os estudantes universitários (ref. por Hilton, Harris & Rice, 2003).

É também importante mencionar que no estudo de Feiring *et al.* (2002), com 254 adolescentes (160 raparigas e 91 rapazes) entre o 9.º ano e o 12.º ano de escolaridade de três escolas secundárias em Filadélfia, constatou-se que os adolescentes mais novos (9.º e 10.º anos de escolaridade) demonstraram aceitar mais as atitudes de legitimação de violência sexual do que os adolescentes mais velhos (11.º e 12.º anos de escolaridade).

Outras investigações também obtiveram resultados semelhantes (Felty *et al.*, 1991; Geiger *et al.*, 2004, ref. por Caridade, 2008; Price, Byers & *Dating violence research team*, 1999). Uma explicação para estes resultados é o facto dos adolescentes mais novos, possivelmente, terem menos experiências amorosas e, por isso, possuem falsas crenças sobre a violência sexual na intimidade. Por outro lado, os adolescentes

mais velhos, como têm mais experiências amorosas, estão mais conscientes que é impróprio a adopção de crenças legitimadoras de violência sexual e a manifestação desse tipo de comportamentos (Feiring *et al.*, 2002).

Tal como já foi referido, por vezes, os adolescentes não encaram os actos abusivos na intimidade como sendo, de facto, manifestações de algum tipo de violência. O mesmo acontece no que se refere à violência sexual, uma vez que, os adolescentes não aceitam que as relações sexuais forçadas são uma forma de violação (Muehlenhard, 1988, ref. por Kuffel & Katz, 2002), especialmente, quando o perpetrador é namorado ou conhecido da vítima (Humphrey & White, 2000; Vicary, Klingaman & Harkness, 1995).

Em síntese, no que se refere à legitimação da violência no namoro, apesar da maioria dos adolescentes não concordar com situações de violência nas suas relações íntimas, muitos adolescentes consideram que certos motivos ou justificações legitimam a violência, como, por exemplo, a raiva, traições ou ciúmes. Alguns adolescentes também demonstram considerar a violência como um acto de amor. Relativamente à relação entre o género e a legitimação de actos de violência nas relações de namoro, os rapazes legitimam mais a violência do que as raparigas.

### **1.7 Factores de risco para a violência física e psicológica**

Relativamente ao contributo da variável género para a possível ocorrência de violência nas relações amorosas de adolescentes, em alguns estudos, o sexo feminino apresenta níveis mais elevados de vitimação e perpetração de violência no namoro comparativamente ao sexo masculino (Callahan *et al.*, 2003). Porém, na maioria das investigações, o sexo feminino é mais frequentemente vítima de violência na intimidade (Roscoe & Callahan, 1985, ref. por Espelage & Holt, 2007; Bergman, 1992; Lewis & Fremouw, 2001).

Em relação à idade, algumas investigações evidenciam que os adolescentes mais velhos apresentam uma maior probabilidade de serem vítimas de violência nas suas relações amorosas do que os adolescentes mais novos (Halpern *et al.*, 2001; Kreiter, Krowchuk, Woods, Sinal, Lawless & DuRant, 1999; Roberts & Klein, 2003, ref. por Caridade, 2008; Pickett, Schmid, Boyce & Simpson, 2002; Cotton, Resnick, Browne, Martin, McCarraher & Woods, 1994, Silverman, Raj, Mucci & Hathaway, 2001, ref.

por Ward & McMahon, 2006). Porém, muitos autores não encontraram nos seus estudos uma correlação positiva entre a variável idade e a violência na intimidade de adolescentes (Malik *et al.*, 1997; Cyr, McDuff & Wright, 2006, Harned, 2002, Noland, Liller, McDermott, Coulter & Seraphine, 2004, ref. por Caridade, 2008; Gover, 2004; Howard, Qiu, & Boekeloo, 2003).

No que se refere ao nível sócio-económico, alguns trabalhos empíricos evidenciam que a violência no namoro pode ocorrer entre indivíduos provenientes de diferentes níveis sócio-económicos (Ackard, Neumark-Sztainer & Hanna, 2003, ref. por West, 2008; Sousa, 1999, ref. por Protivnak & McRoberts, 2011), isto é, a violência no namoro tanto pode ocorrer em níveis sócio-económicos baixos como elevados. Rivera-Rivera, Allen-Leigh, Rodríguez-Ortega, Chávez-Ayala e Lazcano-Ponce (2007), por seu lado, constataram a existência de uma relação entre níveis sócio-económicos médios e elevados e a perpetração masculina de violência nas relações amorosas. Já Castro e Ruíz (2004) e Rivera-Rivera *et al.*, (2006) encontraram uma associação entre níveis sócio-económicos baixos e a perpetração de violência na intimidade. Contudo, outros autores (Cyr, McDuff & Wright, 2006, Magdol, Moffitt, Caspi & Silva, 1998, O'Keefe & Treister, 1998, ref. por Caridade, 2008; Foshee, Linder, MacDougall & Bangdiwala, 2001) não encontraram nas suas investigações associações entre o nível sócio-económico e a violência nas relações amorosas.

Relativamente à variável etnia, algumas investigações vêm demonstrar que situações de violência nas relações amorosas acontecem entre indivíduos de diferentes etnias (Ackard *et al.*, 2003, ref. por West, 2008; Sousa, 1999, ref. por Protivnak & McRoberts, 2011). Por exemplo, alguns estudos apresentam níveis de violência na intimidade mais elevados em adolescentes afro-americanos (O'Keefe, 1997, O'Keefe *et al.*, 1986, ref. por Caridade, 2008; Foshee, Linder, Bauman & Langwick, 1996, ref. por Espelage & Holt, 2007), outros revelam mais violência entre caucasianos (Lane & Gwartney-Gibbs, 1985, ref. por Caridade, 2008). Outras investigações não encontraram uma associação entre a etnia e a violência nas relações de intimidade (White & Koss, 1991; Malik *et al.*, 1997).

No que se refere à área de residência, existe alguma evidência científica que os adolescentes residentes em zonas urbanas estão em maior risco de que experienciar violência nas suas relações íntimas, como sugere a investigação de Watson *et al.*, 2001 (ref. por Johnson *et al.*, 2005). Noutra investigação, com 2094 adolescentes entre os 12 e os 17 anos de idade residentes em comunidades rurais, suburbanas e urbanas, foram

mais os participantes residentes em zonas rurais que afirmaram ter sido vítimas de violência física do que os participantes moradores em zonas suburbanas e urbanas (Spencer & Bryant, 2000) e na investigação de Lowe, Jones e Banks (2007), foram mais os participantes residentes em zonas urbanas do que os habitantes em zonas rurais, que afirmaram ter sido fisicamente violentos nas suas relações amorosas. Já no estudo de Silverman, Raj e Clements (2004), a prevalência de violência no namoro de adolescentes foi semelhante entre os adolescentes residentes em zonas urbanas e os adolescentes habitantes em zonas rurais.

Relativamente à influência do grupo de pares, existe algum suporte científico que sustenta que indivíduos com amigos envolvidos em relações amorosas violentas apresentam maior probabilidade de também se encontrarem envolvidos em relações de namoro violentas (Arriaga & Foshee, 2004, ref. por Johnson *et al.*, 2005; Foshee, Benefield, Ennett, Bauman & Suchindran, 2004; Foshee *et al.*, 2001; Pickett, Schmid, Boyce & Simpson, 2002; Kinsfogel & Grych, 2004; Gwartney-Gibbs, Stockard, & Bohmer, 1987, Tontodonato & Crew, 1992, ref. por Caridade, 2008). São também os adolescentes com maior tendência para se envolverem em algum tipo de situação de violência com os pares que mais facilmente manifestam actos violentos nas relações de namoro (Andrews, Foster, Capaldi & Hope, 2000, ref. por Ulloa, Jaycox, Skinner & Orsburn, 2008; Riggs & O’Leary, 1989 ref. por O’Keefe, 2005).

Outro possível factor de risco é a observação de violência no meio familiar (Malik *et al.*, 1997; Dahlberg, 1998). Os adolescentes que testemunham actos de violência entre os pais apresentam uma maior probabilidade de se encontrarem em relações amorosas violentas (Arriaga & Foshee, 2004, ref. por Elert, 2007; Carr & Vandeußen, 2002; Foo & Margolin, 1995; O’Keefe *et al.*, 1986, Foshee, Bauman, & Linder, 1999, Kaura & Allen, 2004, ref. por Caridade, 2008). É ainda de referir que relativamente à exposição de violência entre os progenitores, existem diferenças de género no que se refere à relação entre a violência interparental e a vitimação ou perpetração de adolescentes nas suas relações amorosas. Para as raparigas, a exposição à violência interparental é um um factor de risco para a vitimação nas relações de namoro (Follingstad, Rutledge, Polek & McNeill-Hawkins, 1992, ref. por O’Keefe, 1998) e para os rapazes, a violência interparental é um um factor de risco para a perpetração de violência nas relações íntimas (Straus, 1992, Straus, Kaufman & Kantor, 1994, ref. por Rosen, Bartle-Haring, & Stith, 2001; Foo & Margolin, 1995). Mas para Breslin, Riggs, O’Leary e Árias (1990) e Wolf e Foshee (2003), a violência entre

progenitores associa-se à perpetração feminina de violência nas relações de intimidade (ref. por Caridade, 2008). Ainda no estudo de Muñoz-Rivas *et al.* (2007), a exposição a situações de violência entre os pais relacionou-se com a perpetração masculina de violência física e verbal nas relações de namoro. Porém, não significa que todos os adolescentes que observam casais violentos vão ser vítimas ou agressores nas suas relações de namoro (Malik *et al.*, 1997; Lichter & McCloskey, 2004; Avery-Leaf & Cascardi, 2002, ref. por Ehlert, 2007).

Outros autores constataram ainda a existência de uma relação entre sofrer abusos por parte dos progenitores e a violência nas relações de namoro de adolescentes (Simonelli, Mullis, Elliott & Pierce, 2002; Malik *et al.*, 1997; Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley & Straatman., 2001, Wolfe, Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004, ref. por Caridade, 2008). No estudo de Simonelli *et al.* (2002), para os rapazes, os abusos recebidos por parte dos progenitores associavam-se com a vitimação e perpetração de violência emocional nas relações íntimas. E para as raparigas, as agressões dos progenitores relacionavam-se com a vitimação e perpetração de violência física e com a vitimação de abusos emocionais nas suas relações amorosas.

Ainda no meio familiar, entre os adolescentes que são vítimas de violência nas suas relações de namoro parece ser mais frequente estes habitarem com apenas um dos progenitores do que com ambos (Billingham & Notebaert, 1993), embora, no estudo de Billingham e Gilbert (1990), por exemplo, esta relação não se tenha verificado (ref. por Lewis & Fremouw, 2001).

A violência entre irmãos é outro factor que tem sido referido na literatura como sendo um factor de risco para a ocorrência de violência nas relações amorosas de adolescentes. No estudo de Simonelli *et al.* (2002), com 120 estudantes universitários entre os 18 e os 27 anos de idade, os resultados obtidos indicaram que existe uma relação positiva entre sofrer violência (física, psicológica e sexual) por parte dos irmãos e a vitimação e perpetração de violência no namoro.

A exposição a situações de violência na comunidade e/ou na escola podem igualmente contribuir para a manifestação de comportamentos violentos por parte dos adolescentes nas suas relações íntimas (O'Keefe, 1998; Vézina & Hébert, 2007). Para Malik *et al.* (1997), a exposição a violência na comunidade relaciona-se com a perpetração de violência nas relações de namoro para ambos os géneros e para O'Keefe e Treister (1998, ref. por Caridade, 2008), a violência na comunidade prediz a vitimação das raparigas nas relações amorosas.

Os estereótipos de género também têm sido apontados na literatura como um factor preditivo de violência na intimidade dos adolescentes. No estudo de Foshee *et al.* (2004), por exemplo, constatou-se que as raparigas que acreditavam em estereótipos de género apresentavam um maior risco de se virem a encontrar em relações amorosas violentas.

Em relação ao abuso de substâncias psicoactivas, alguns estudos evidenciam uma relação entre o uso de substâncias e a perpetração de violência pelo género masculino (Testa, Livingston, & Leonard, 2003, ref. por Caridade, 2008). No que se refere à vitimação, alguns estudos demonstram uma associação entre o consumo de substâncias psicoactivas e a vitimação feminina na intimidade (Malik *et al.*, 1997; Roberts & Klein, 2003, ref. por Caridade, 2008) e outros com a vitimação masculina (Foshee *et al.*, 2004). O’Keefe, Brockopp e Chew (1986, ref. por Caridade, 2008) encontraram uma relação entre o consumo de álcool e substâncias psicoactivas e a vitimação e perpetração nas relações amorosas para ambos os géneros. E Foshee *et al.* (2001) verificaram no seu estudo que o consumo excessivo de álcool leva à manifestação de actos violentos nas suas relações amorosas.

No que se refere à influência da auto-estima, alguns autores (Bird, Stith & Schladale, 1991, ref. por Caridade, 2008; Jezl *et al.*, 1996) reportam que uma baixa auto-estima aumenta a probabilidade de se sofrer violência nas relações íntimas, especialmente para o sexo feminino (O’Keefe & Treister, 1998, ref. por Caridade, 2008). Na investigação de Sharpe e Taylor (1999, ref. por Caridade, 2008), uma baixa auto-estima surgiu como preditor da vitimação e perpetração feminina de abusos físicos nas relações amorosas e para o género masculino, uma elevada auto-estima relacionou-se com a vitimação e perpetração de abusos psicológicos nas relações íntimas. Já no estudo de Stets (1991), uma baixa auto-estima surgiu associada à violência psicológica mas exclusivamente para o sexo feminino. E na investigação de Foshee *et al.* (2004), uma baixa auto-estima era um factor de risco para a vitimização física nas relações de namoro para o sexo masculino. Outros autores encontraram nos seus estudos uma relação entre uma baixa auto-estima e a perpetração de violência física com as companheiras amorosas (Goldstein & Rosenbaum, 1985, Murphy, Meyer & O’Leary, 1994, ref. por Ragg, 1999; Burke, Stets & Pirog-Good, 1988, ref. por Gover, 2004). Porém, noutros estudos (Cleveland *et al.*, 2003; Foshee *et al.*, 2004; O’Keefe, 1998) não se evidenciaram qualquer relação entre a auto-estima e a violência nas relações íntimas.

Outro indicador que surge como potencial factor de risco para a ocorrência de violência nas relações de namoro de adolescentes é o autoconceito. Em dois estudos, constatou-se que indivíduos do sexo masculino que são violentos fisicamente com as companheiras possuem um autoconceito negativo (Goldstein & Rosenbaum, 1985, Murphy, Meyer & O’Leary, 1994, ref. por Ragg, 1999). Na investigação de Collin-Vézina, Hébert, Manseau, Blais e Fernet (2006), com 220 raparigas entre os 12 e os 18 anos de idade, os resultados demonstraram que as raparigas vítimas de abusos mais severos na intimidade tinham um autoconceito mais negativo que as adolescentes vítimas de abusos menos severos.

### **1.8 Factores de risco para a violência sexual**

Relativamente à influência da variável género na possível ocorrência de alguma situação de violência sexual, em grande parte das investigações, as raparigas destacam-se como sendo maioritariamente as vítimas deste tipo de violência na intimidade (Bergman, 1992; Foshee, 1996, Jackson & Davis, 2000, DeKeseredy & Schwartz, 1998, Mahoney, Williams & West, 2001, ref. por Caridade, 2008; Malik *et al.*, 1997; Poitras & Lavoie, 1995, ref. por Young & Furman, 2008).

No que concerne a factores de risco que podem concorrer para a ocorrência de situações de vitimação sexual do sexo feminino nas relações de intimidade, é de referir o início precoce em relações amorosas, o aparecimento precoce da menstruação, a actividade sexual precoce das vítimas e uma baixa auto-estima (Burke, Stets & Pirog-Good, 1989, Silverman *et al.*, 2001, ref. por Glass *et al.*, 2003; Ellickson & McGuigan, 2000). As experiências passadas de vitimação sexual são também apresentadas por vários autores como um factor de risco para a vitimação sexual feminina (Banyard, Arnold & Smith, 2000, Breteinbecher & Gidycz, 1998, Sanders & Moore, 1999, ref. por Caridade, 2008; Gidycz, Coble, Latham & Layman, 1993; Gidycz, Hanson & Layman, 1995; Norris, Nurius & Dimeff, 1996; Burke *et al.*, 1989, Silverman *et al.*, 2001, ref. por Glass *et al.*, 2003; Ellickson & McGuigan, 2000).

O número de parceiros sexuais pode igualmente contribuir para a vitimação sexual feminina (Abbey, Ross, McDuffie & McAuslan, 1996, Himelein, Vogel & Wachowiak, 1994, Koss, 1985, Koss & Dinero, 1989, Maxwell, Robinson & Post, 2003, Shapiro & Schwarz, 1997, ref. por Caridade, 2008; Söchting, Fairbrother & Koch, 2004).

A idade também é uma variável que aparenta aumentar o risco de vitimação sexual do sexo feminino. Para Humphrey e White (2000), a adolescência é um período de maior risco para a ocorrência da primeira vitimação sexual e para Vicary, Klingaman e Harkness (1995), o risco é maior em adolescentes mais novas, mais concretamente, por volta dos 15 anos de idade.

O consumo de álcool ou drogas psicoactivas também são factores positivamente associados a um maior risco de vitimização sexual do sexo feminino (Shrier, Pierce, Emans & DuRant, 1998, Fisher, Cullen & Turner, 2000, ref. por Champion, Foley, DuRant, Hensberry, Altman & Wolpson, 2004; Borowsky, Hogan & Ireland, 1997; Kreiter, Krowchuk, Woods, Sinal, Lawless & DuRant, 1999).

No que se refere a factores de risco associados à perpetração feminina de violência sexual, são exemplos, ter sofrido abusos sexuais, uso de substâncias psicoactivas, baixo rendimento académico e tendências suicidas (Borowsky *et al.*, 1997) e a observação de violência entre os progenitores (Forbes & Adams-Curtis, 2001, ref. por Caridade, 2008).

Para a ocorrência de situações de perpetração sexual por parte do sexo masculino nas relações de namoro podem concorrer factores como o ano de escolaridade (estudantes do 9.º ano relataram perpetrar mais abusos sexuais que os estudantes do 12.º ano) e tendências suicidas (Borowsky *et al.*, 1997).

A observação de violência entre os progenitores também pode concorrer para a perpetração masculina de violência sexual (Forbes & Adams-Curtis, 2001, ref. por Caridade, 2008; Borowsky *et al.*, 1997), assim como ter sofrido abusos sexuais (Gidycz, Coble, Latham & Layman, 1993; Borowsky *et al.*, 1997).

O uso de álcool e/ou substâncias psicoactivas também é apresentado em alguns estudos como um factor de risco para a perpetração masculina de violência sexual (Abbey, McAuslan, Zawacki, Clinton, & Buck, 2001, Combs-Lane & Simth, 2002, Gidycz, Warkentin, & Orchowski, 2007, Gross, Winslett, Roberts & Gohm, 2006, Vogel & Himelein, 1995, ref. por Caridade, 2008; Himelein, 1995; Norris, Nurius & Dimeff, 1996; Borowsky *et al.*, 1997).

**Capítulo II**  
**ESTUDO EMPÍRICO**

## **2.1 Objectivos**

Com o presente estudo pretende-se compreender e caracterizar o fenómeno da violência no namoro entre adolescentes dos Açores. Mais especificamente pretende-se:

1. Tomar conhecimento de atitudes de legitimação de adolescentes acerca da violência no namoro.
2. Tomar conhecimento de estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) adoptadas nas relações de namoro.
3. Averiguar se as atitudes de legitimação de violência e as estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) diferem em função do sexo, ano de escolaridade, nível sócio-económico, autoconceito dos alunos.

## **2.2 Hipóteses**

Considerando que os objectivos 1 e 2 remetem para uma análise descritiva dos dados, as hipóteses nulas que se pretendem estudar nesta investigação são:

1. Não existem diferenças na legitimação da violência em função do sexo.
2. Não existem diferenças na legitimação da violência em função do ano de escolaridade.
3. Não existem diferenças na legitimação da violência em função do nível sócio-económico.
4. Não existem diferenças na legitimação da violência em função do autoconceito.
5. Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) em função do sexo.
6. Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) em função do nível de escolaridade.
7. Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) em função do nível sócio-económico.
8. Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) em função do autoconceito.

## **2.3 Método**

Este é um estudo descritivo, uma vez que procura descrever e caracterizar (Sampieri, Collado & Lucio, 2006) o fenómeno da violência no namoro nas relações íntimas entre adolescentes nos Açores, e de enfoque quantitativo, dado que pretende

testar hipóteses e a interpretação dos dados obtidos é feita através de cálculos estatísticos e numéricos (Terence & Filho, 2006).

### **2.3.1 Participantes**

Os participantes desta investigação são adolescentes a frequentar o 9.º e o 12.º anos de escolaridade de quatro estabelecimentos de ensino da Região Açores que acederam a colaborar. Seguiu-se, assim o critério de amostra não-probabilística voluntária ou por conveniência, uma vez que este tipo de amostra é constituído por elementos que se disponibilizam de forma voluntária para a integrarem (Huot, 2002, ref. por Morais, 2005).

O levantamento de dados contou com 512 participantes. Porém, desses apenas 354 namoravam ou já haviam namorado, cumprindo o critério de resposta a um dos instrumentos utilizados no protocolo de recolha de dados (CADRI). Ainda, dos 354 respondentes apenas 267 preencheram totalmente o protocolo de recolha de dados. Estes alunos tinham idades compreendidas entre os 13 e os 21 anos ( $M=15.7$ ;  $SD=1.70$ ).

Em termos da distribuição dos respondentes pelas variáveis descritivas tomadas para este estudo (Anexo I), regista-se uma maioria do sexo feminino (65.5%) em relação ao masculino (34.5%), maior proporção de alunos a frequentar o 9.º ano (66.3%) comparativamente ao 12.º (33.7%), alguma expressão de estudantes de baixo nível sócio-económico, definido pela condição de beneficiário de escalão escolar (30.7%), embora a maioria (69.3%) não seja beneficiária dessa medida, considerando-se, por isso, para efeitos deste estudo, no nível médio-alto, e maior proporção de alunos com um autoconceito elevado (93.3%) comparativamente aos alunos com um autoconceito baixo (6.7%). Para definir o autoconceito dos participantes, procedeu-se ao cálculo do ponto médio dos itens apresentados no protocolo de investigação ( $PM=6$ ). Assim, os participantes cuja pontuação se situou abaixo do valor do ponto médio (somatório dos itens entre 1-5) foram considerados alunos com um autoconceito baixo e os participantes com uma pontuação acima do valor do ponto médio (somatório dos itens entre 7-12) foram considerados alunos com um autoconceito elevado. O número de participantes na análise dos dados referentes à variável autoconceito foi 252.

### **2.3.2 Instrumentos**

Os instrumentos de investigação que foram utilizados consistem na Escala de Atitudes acerca da violência no namoro (EAVN), no Inventário de Conflitos nos

Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI), e na Escala de Autoconceito de Piers-Harris (PHCSCS).

A Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) e o Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI) foram instrumentos especificamente construídos a pensar no estudo da violência no namoro na população adolescente e traduzidos e adaptados para a população adolescente portuguesa (Saavedra, 2010), razão pela qual foram utilizados neste estudo. A Escala de Autoconceito de Piers-Harris (PHCSCS) é um dos instrumentos mais aplicados no estudo do autoconceito (Veiga, 1989), o que motivou o seu uso neste trabalho.

### **Escala de Atitudes acerca da violência no namoro (EAVN)**

A Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro é uma adaptação da *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (Price, Byers & The Dating Violence Research Team, 1999). A adaptação foi feita em 2008 por Saavedra, Machado e Martins. Trata-se de um instrumento criado para a aplicação a adolescentes e ao procurar conhecer as atitudes não exige que os respondentes tenham algum tipo de experiência relacional de namoro (Saavedra, 2010).

A Escala é constituída por 76 itens que se organizam em seis subescalas, das quais, três são referentes a atitudes face à violência masculina (psicológica, física, sexual) no namoro e as outras três dizem respeito às atitudes face à violência feminina (psicológica, física, sexual) no namoro. Os itens são cotados de 1 a 5 (1=discordo totalmente; 2=discordo; 3=não concordo nem concordo; 4=concordo; 5=concordo totalmente). Pontuações mais elevadas indicam uma maior legitimação de violência nas relações amorosas.

No que se refere às características metrológicas, em relação à precisão, os valores de *alpha* de Cronbah da escala e das subescalas revelaram indícios de uma boa consistência interna (Saavedra, 2010). Relativamente à validade, as autoras procederam à análise da validade de constructo através da análise factorial exploratória dos itens. No que concerne à subescala 1 (Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro), os dados justificam 20.2% da variância da subescala. Na subescala 2 (Atitudes acerca da violência física perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro), os itens explicam 26.8% da variância dos resultados obtidos. A subescala 3 (Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro), explica 30.2% da variância dos dados obtidos. Os itens que compõem a

subescala 4 (Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro) justificam 26.6% da variância dos resultados. Na subescala 5 (Atitudes acerca da violência física perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro), os itens que a integram explicam 31.9% da variância dos dados. Por fim, os itens que compõem a subescala 6 (Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro) explicam 29.9% da variância dos resultados (Saavedra, 2010).

### **Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI)**

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes é uma adaptação feita em 2008 por Saavedra, Machado, Martins e Vieira do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) de Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley e Straatman (2001). É dirigido a adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos de idade com experiência actual ou passada em relações de namoro (Saavedra, 2010) e os tipos de violência abordados são o comportamento ameaçador, o abuso relacional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso emocional ou verbal.

O inventário é constituído por 70 itens sobre a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes. Dos 70 itens, 35 são referentes aos comportamentos do próprio e os restantes 35 são acerca dos comportamentos do(a) parceiro(a) nas relações amorosas. Os itens são cotados de 0 a 3, de acordo com a sua ocorrência e frequência, em que o “nunca” é cotado como “0”, o “raramente” é cotado como “1”, o “às vezes” é cotado como “2” e o “frequentemente” é cotado como o valor “3”. O valor de cada factor (estratégias de resolução de conflitos positivas e estratégias de resolução de conflitos abusivas) é calculado pela soma dos seus itens. Pontuações mais elevadas correspondem a uma maior frequência de utilização de estratégias positivas e abusivas.

Em relação às características metrológicas do instrumento, no que se refere à precisão, as autoras procederam ao cálculo da consistência interna do instrumento através do *alpha* de Cronbach e, os coeficientes obtidos quer para o instrumento (0.90) quer para as duas dimensões do instrumento - comportamento do próprio (0.82) e comportamento do outro (0.81) revelaram indícios de uma boa consistência interna. Relativamente à validade, foi efectuada separadamente a análise factorial dos itens de vitimação e de perpetração e verificou-se que esta análise cumpriu o pressuposto teórico de divisão dos itens do instrumento, ou seja, que esta foi forçada a dois factores,

nomeadamente, a resolução abusiva e a resolução positiva de conflitos (Saavedra, 2010). Relativamente à validade, na “Escala de comportamentos do próprio”, os dois factores (estratégias abusivas e positivas) que a compõem explicam 27.5% da variância dos resultados e na “Escala de comportamentos do outro”, os dois factores explicam 29.4% da variância dos resultados (Saavedra, 2010).

### **Escala de Autoconceito de Piers-Harris (PHCSCS)**

A Escala de Autoconceito de Piers-Harris (PHCSCS) é uma adaptação de Feliciano Veiga para a população portuguesa da *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale* elaborada por Piers (1969, 1988).

Esta escala é composta por seis subescalas: Aspecto Comportamental, Estatuto Intelectual e Escolar, Aparência e Atributos Físicos, Ansiedade, Popularidade e Satisfação e Felicidade. A subescala “Aspecto Comportamental” diz respeito à percepção do indivíduo sobre o seu comportamento em casa e na escola; a subescala “Estatuto Intelectual e Escolar” refere-se à percepção do sujeito relativamente ao seu rendimento nas tarefas intelectuais e ao reconhecimento que sente por parte dos colegas; a subescala “Aparência e Atributos Físicos” avalia o que o sujeito pensa acerca da sua aparência física; a subescala “Ansiedade” diz respeito às incertezas, receios, preocupações com que o indivíduo se encara a si próprio e às situações; a subescala “Popularidade” refere-se à percepção do sujeito sobre as relações com os colegas, facilidade em fazer amizades, popularidade e sentimento de inclusão em actividades de grupo; e a subescala “Satisfação e Felicidade” avalia a satisfação sentida pelo indivíduo por ser como é, relaciona-se com o nível de felicidade geral (Veiga, 1989). No seu conjunto, estas subescalas contribuem para uma dimensão geral que informa sobre o modo como o sujeito se auto-percepciona (Veiga, 1989).

Trata-se de uma escala do tipo Thurstone (itens dicotómicos) e é constituída por 58 afirmações em que o indivíduo deve assinalar “sim” ou “não”, conforme se identifica ou não com as afirmações. Em termos de cotação, atribui-se um ponto quando a resposta é na direcção de um autoconceito positivo, ou seja, quer na escala global quer nas subescalas, um resultado mais alto corresponde a um autoconceito mais elevado (Veiga, 1989). No protocolo de investigação foi apresentada uma versão reduzida da escala PHCSCS com 12 itens. Foram seleccionados os dois itens de cada subescala com maior saturação.

Em relação às características metrológicas do instrumento, no que se refere à precisão, Veiga (1989) procedeu ao cálculo dos coeficientes de consistência interna K.R.20 através do procedimento «Reability» do SPSS-X e verificou que quer a escala global (0.88) quer as subescalas (varia entre 0.73 e 0.78) apresentam coeficientes satisfatórios. Relativamente à validade, o autor (1989) efectuou o estudo da validade de constructo a partir do procedimento «PA1» do SPSS-X. Assim, no que concerne à subescala “Aspecto Comportamental”, os itens explicam 12.5% da variância dos resultados obtidos. Na subescala “Estatuto Intelectual e Escolar”, os dados justificam 4.5% da variância da subescala. Os itens que compõem a subescala “Aparência e Atributos Físicos”, justificam 3% da variância dos resultados. Na subescala “Ansiedade”, os itens que a integram explicam 5.1% da variância dos dados. Em relação à subescala “Popularidade”, os itens explicam 3.3% da variância dos resultados obtidos. Por fim, os itens que compõem a subescala “Satisfação e Felicidade”, explicam 2.8% da variância dos resultados (Veiga, 1989).

### **2.3.3 Procedimentos**

Primeiramente solicitou-se a autorização da Direcção Regional da Educação e Formação (DREF) para a realização deste estudo. Posteriormente procedeu-se ao contacto com o(a) Presidente do Concelho Executivo de cinco estabelecimentos de ensino da Região que abarcam alunos do 9º ano e 12º ano de escolaridade, para solicitar a autorização da recolha de dados (Anexo II). A recolha dos dados para a investigação foi autorizada em quatro desses estabelecimentos de ensino (dois em Angra do Heroísmo, dois em Ponta Delgada).

Após ter sido concedida a autorização para a recolha de dados, foi formalizada uma declaração de consentimento informado para os Encarregados de Educação (Anexo III), de forma a estes autorizarem a participação dos seus educandos no estudo e, posteriormente, procedeu-se à administração do protocolo de recolha de dados intitulado *Questionário sobre o Namoro na Adolescência - QNA* (Anexo IV).

A recolha de dados decorreu em contexto de sala de aula. É ainda de referir que, no presente estudo, não foi atribuída qualquer compensação monetária aos participantes e que estes foram informados sobre o carácter voluntário e anónimo da sua colaboração.

No respeitante aos procedimentos de tratamento de dados, para a realização de todas as análises estatísticas recorreu-se ao programa estatístico SPSS 15.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*). Em primeiro lugar, começámos por analisar os dados

referentes às atitudes de legitimação de violência no namoro. Em segundo lugar, procedemos à análise dos dados referentes às estratégias de resolução de conflitos abusivas e não abusivas do próprio e do outro. Para estes dois passos foram apenas mobilizados procedimentos da estatística descritiva. De seguida, estudámos se as atitudes de legitimação da violência e as estratégias de resolução de conflitos sofriam diferenças em função do sexo, do ano de escolaridade, do nível sócio-económico e do autoconceito. Para este estudo usou-se o teste Mann-Whitney “que permite detectar diferenças significativas entre os valores centrais de duas situações” (Martinez & Ferreira, 2008, p. 90) quando a escala de medida é ordinal, como no nosso caso.

## **2.4 Apresentação e Discussão de Resultados**

Este ponto organiza-se em dois subpontos. No primeiro, denominado por *Resultados Descritivos sobre a Violência no Namoro*, procede-se à descrição e caracterização das atitudes dos jovens face à legitimação da violência no namoro e às estratégias que dizem mobilizar para a resolução de conflitos. No segundo, designado por *Resultados Inferenciais sobre a Violência no Namoro* estuda-se se as atitudes face à violência e se as estratégias de resolução de conflitos diferem em função do sexo, ano de escolaridade, nível sócio-económico e autoconceito dos alunos.

### **2.4.1. Resultados Descritivos sobre a Violência no Namoro**

#### **2.4.1.1.-Legitimação de violência no namoro**

Com vista a tomar conhecimento de atitudes de legitimação de adolescentes acerca da violência no namoro (objectivo 1), num primeiro momento procedemos ao estudo das médias das respostas obtidas na EAVN, no total da escala e por subescala (Quadro1).

Quadro 1 – Estudo da legitimação de violência no namoro.  
Medidas descritivas no total da escala e nas subescalas da EAVN.

EAVN	Média	Desvio-padrão
Resultado global [76-380]	148.7	35.09
<b>Sub-escalas</b>		
Violência psicológica masculina [15-75]	29.2	7.40
Violência física masculina [12-60]	22.7	7.55
Violência sexual masculina [12-60]	20.3	6.80
Violência psicológica feminina [13-65]	27.0	7.65
Violência física feminina [12-60]	26.0	8.21
Violência sexual feminina [12-60]	23.5	8.26

Para o total do grupo de respondentes, a atitude em relação à violência no namoro parece ser no sentido da discordância com a legitimação desta, uma vez que a média das respostas obtidas (148.7) situa-se abaixo do ponto médio dessa escala (152). Regista-se, no entanto, alguma dispersão nos resultados (35.09), dando indicação de que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude.

Relativamente à subescala *Atitudes acerca da violência psicológica masculina*, observa-se uma atitude indiciadora de alguma dificuldade em tomar posição, uma vez que a média das respostas dos inquiridos (29.2) se situa muito próxima do ponto médio dessa subescala (30). Mas, verifica-se alguma dispersão nos resultados (7.40), o que sugere que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude.

Na subescala *Atitudes acerca da violência física masculina*, observa-se tendência para a discordância com este tipo de violência no grupo dos respondentes, dado que a média das respostas obtidas (22.7) se situa ligeiramente abaixo do ponto médio dessa subescala (24). A relativa dispersão nos resultados (7.55) alude a uma variação por parte dos inquiridos na manifestação da sua atitude. Os itens “Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada” (M=1.8; SD=1.08), “Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada” (M=1.9; SD=1.19) e “Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça” (M=1.3; SD=1.17) foram os que pontuaram mais baixo (Anexo V).

Também na subescala *Atitudes acerca da violência sexual masculina*, observa-se uma atitude de discordância com este tipo de violência no grupo dos inquiridos, dado que a média das respostas obtidas (20.3) se situa ligeiramente abaixo do ponto médio dessa subescala (24). Observa-se igualmente alguma dispersão nos resultados obtidos

(6.80), o que pode indicar que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude. Contudo, é de salientar que esta é a menor variação obtida nos resultados das subescalas, o que significa que nesta subescala, os participantes propenderam a responder de modo mais consistente entre si. Os itens “Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele” (M=1.4; SD=0.76), “Os rapazes são donos do corpo das namoradas” (M=1.7; SD=1.13) e “Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais” (M=1.8; SD=1.24) foram os que evidenciaram atitudes de violência menos legitimadas pelos participantes (Anexo V).

No que se refere à subescala *Atitudes acerca da violência psicológica feminina*, observa-se uma tendência dos inquiridos para concordarem com este tipo de violência, dado que a média das respostas obtidas (27.0) situa-se ligeiramente acima do ponto médio dessa subescala (26). Porém, a dispersão dos resultados (7.65) indica que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude. Os itens “É normal uma rapariga gritar com o namorado quando está furiosa” (M=2.4; SD=1.24) e “Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados” (M=2.3; SD=1.18), foram os itens que geraram maior concordância entre os participantes, ou seja, foram as atitudes de violência mais legitimadas pelos participantes (Anexo V).

Os resultados na subescala *Atitudes acerca da violência física feminina* ilustram, igualmente, uma tendência de acordo com este tipo de violência no grupo dos respondentes, dado que a média das respostas obtidas (26.0) se situa ligeiramente acima do ponto médio dessa subescala (24). A relativa dispersão nos resultados (8.21) alude a uma variação por parte dos inquiridos na manifestação da sua atitude. Os itens “Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada” (M=2.4; SD=1.24) e “Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece” (M=2.4; SD=1.30), foram os itens que geraram maior concordância entre os participantes, isto é, foram as atitudes de violência mais legitimadas pelos participantes (Anexo V).

Os resultados na subescala *Atitudes acerca da violência sexual feminina*, ao se situarem, em média (23.5), muito próximo do ponto médio dessa subescala (24) sugerem alguma dificuldade dos respondentes em tomarem posição acerca deste aspecto. No entanto, a dispersão dos resultados (8.26) sugere que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude. É ainda de salientar que esta é a maior variação obtida nos resultados, o que significa que nesta subescala, os participantes tenderam a responder de modo mais incongruente entre si.

Pode-se então presumir que no geral, a maioria dos participantes parecem não legitimar o uso da violência nas relações amorosas. Estes resultados vão ao encontro de resultados obtidos noutras investigações (Mercer, 1988, O’Keefe, 1997, Machado *et al.*, 2003, Matos & Silva, 2001, ref. por Caridade & Machado, 2006; Costa & Sani, no prelo, Mendes, 2006, ref. por Caridade, 2008, Miller, 2011).

Esta tendência de desaprovação do uso da violência nas relações amorosas pode resultar da influência da desajustabilidade social nas respostas dadas (Machado *et al.*, 2003, ref. por Caridade, 2008). Mas pode também ser fruto de acções de sensibilização que diversas instâncias da comunidade (UMAR Açores, Polícia de Segurança Pública e Direcção Regional da Igualdade de Oportunidades) vêm implementando nos estabelecimentos de ensino na Região, com vista a despertar os alunos para a identificação de situações de violência no namoro, reforçando comportamentos e atitudes saudáveis, através de estratégias de resolução de conflitos alternativas à violência; e com o objectivo de lhes dar a conhecer os recursos de ajuda disponíveis (Matos *et al.*, 2006)

#### 2.4.1.2. Estratégias de resolução de conflitos

Neste ponto pretendemos conhecer as estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) adoptadas nas relações de namoro (objectivo 2). Para o efeito procedemos ao estudo de resultados no CADRI, mais especificamente nas “Escala de comportamentos do próprio” e “Escala de comportamentos do outro”, cujos dados se apresentam no Quadro 2.

Quadro 2 – Estudo dos conflitos nos relacionamentos de namoro.  
Medidas descritivas nas subescalas de *Comportamentos do Próprio* e *Comportamentos do Outro* – CADRI.

CADRI	Média	Desvio-padrão
Resultado global [0-210]	45.6	20.71
<b>Subescalas</b>		
Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do próprio [0-30]	15.5	5.48
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio [0-72]	7.7	7.60
Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do outro [0-30]	14.0	5.37
Estratégias de resolução de conflitos abusivas do outro [0-72]	8.4	7.84

Para o total do grupo de respondentes, a atitude em relação ao uso de estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) parece ser no sentido de uma baixa utilização destas estratégias nas suas relações de namoro, uma vez que a média das respostas obtidas (45.6) se situa abaixo do ponto médio dessa escala (105). Regista-se, no entanto, alguma dispersão nos resultados (20.71), dando indicação de que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude.

Relativamente à subescala *Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do próprio*, observa-se que os inquiridos referem uma utilização moderada nas suas relações amorosas, dado que a média das respostas obtidas (15.5) se situa, sensivelmente, no ponto médio dessa subescala (15). Porém, verifica-se alguma dispersão nos resultados (5.48), o que sugere que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude. Os itens “Eu apresentei os meus motivos” (M=2.4; SD=0.89), “Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a)” (M=1.75; SD=0.96), “Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois” (M=1.9; SD=0.97) e “Eu discuti o assunto calmamente” (M=1.9; SD=0.99), correspondem às estratégias referidas pelos participantes como as mais frequentemente utilizadas nas suas relações de namoro, dado que, foram as que apresentaram as médias mais elevadas nesta subescala (Anexo VI).

Na subescala *Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio*, observa-se que os inquiridos referem uma baixa utilização destas estratégias nas suas relações amorosas, dado que a média das respostas obtidas (7.7) se situa abaixo do ponto médio dessa subescala (38). Porém, verifica-se alguma dispersão nos resultados (7.60), o que sugere que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude. Os itens “Eu culpei-o(a) pelo problema” (M=0.8; SD=0.88), “Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes” (M=0.9; SD=1.54) e “Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado” (M=1.1; SD=0.99), correspondem às estratégias de resolução de conflitos abusivas referidas pelos participantes como as mais frequentemente utilizadas nas suas relações íntimas, dado que, foram as que apresentaram as médias mais elevadas nesta subescala (Anexo VI).

A moderada utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas pelo próprio e a significativa baixa utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas por parte próprio podem indicar que os participantes procuraram dar as respostas que consideraram ser socialmente mais desejáveis.

No que se refere à subescala *Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do outro*, observa-se que os inquiridos admitem alguma utilização destas estratégias pelos seus parceiros(as) amorosos(as), dado que a média das respostas obtidas (14.0) se situa muito próxima do ponto médio dessa subescala (15). Porém, verifica-se alguma dispersão nos resultados (5.37), o que sugere que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude. Os itens “Ele(a) apresentou os motivos dele(a)” (M=2.2; SD=0.94), “Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certo(a)” (M=1.7; SD=0.88), “Ele apresentou uma solução que achou boa para os dois” (M=1.7; SD=1.06) e “Ele(a) discutiu o assunto calmamente” (M=1.7; SD=1.06), correspondem às estratégias referidas pelos participantes como as mais frequentemente utilizadas pelos seus parceiros(as) amorosos(as), dado que, foram as que apresentaram as médias mais elevadas nesta subescala (Anexo VI).

Em relação à subescala *Estratégias de resolução de conflitos abusivas do outro*, observa-se que os inquiridos referem uma baixa utilização destas estratégias pelos seus parceiros(as) amorosos(as), dado que a média das respostas obtidas (8.4) se situa abaixo do ponto médio dessa subescala (36). Porém, verifica-se alguma dispersão nos resultados (7.84), o que sugere que os respondentes apresentam alguma variação na manifestação da sua atitude. Os itens “Ele(a) culpou-me pelo problema” (M=0.8; SD=0.92), “Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes” (M=0.9; SD=0.90) e “Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado” (M=0.9; SD=0.92), correspondem às estratégias de resolução de conflitos abusivas que os participantes referiram com sendo as mais frequentemente utilizadas pelos seus parceiros(as), dado que foram as que apresentaram as médias mais elevadas nesta subescala (Anexo VI).

A relativa utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas pelo outro e a significativa baixa utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas por parte do outro podem reflectir o peso que a deseabilidade social exerceu nas respostas dos participantes.

Assim, no geral, pode-se pressupor que a maioria dos participantes não adopta estratégias de resolução de conflitos abusivas nas suas relações de namoro e afirma igualmente que os seus parceiros(as) não utilizam estas estratégias. Estes resultados não vão ao encontro de resultados obtidos noutros estudos (Callahan *et al.*, 2003; Caridade, 2008; Caridade & Machado, 2006; Ehlert, 2007; Halpern *et al.*, 2001; Watson *et al.*, 2001, ref. por Gover, 2004; Foshee *et al.*, 2010, ref. por Wekerle & Tanaka, 2010;

Swahn *et al.*, 2008), nos quais são apresentados níveis significativos de prevalência de actos abusivos nas relações íntimas de adolescentes. Relativamente às estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas, no geral, os participantes referem alguma utilização destas estratégias nas suas relações amorosas e relatam igualmente alguma utilização destas estratégias pelos(as) seus(as) parceiros(as).

## 2.4.2. Resultados Inferenciais sobre a Violência no Namoro

### 2.4.2.1. Atitudes face à violência no namoro e variáveis descritivas da amostra

Neste ponto procura-se averiguar se a atitude de legitimação de violência (resultado global da EAVN) difere em função do sexo, ano de escolaridade, nível sócio-económico e autoconceito dos alunos (Objectivo 3), procurando assim responder às primeiras quatro hipóteses formuladas. Os resultados que permitem decidir sobre a rejeição ou não das hipóteses encontram-se no Quadro 3.

Quadro 3 – Legitimação de violência no namoro e as variáveis descritivas da amostra. Estudo das diferenças entre médias.

Variáveis descritivas		Legitimação de violência no namoro		
		Média	M-W	p
Sexo	Feminino	125.2	6654.500	0.033
	Masculino	146.2		
Ano de escolaridade	9º ano	136.4	7098.000	0.240
	12º ano	124.8		
Nível sócio-económico	Baixo	140.0	6802.000	0.287
	Elevado	129.2		
Autoconceito	Baixo	104.2	1618.000	0.217
	Elevado	126.5		

$\alpha = 0.05$

No respeitante à hipótese “Não existem diferenças na legitimação da violência em função do sexo”, os resultados sugerem a sua rejeição. Através da análise do Quadro 3, podemos constatar que os participantes do sexo masculino ( $M=146.2$ ) legitimaram mais o uso da violência do que os participantes do sexo feminino ( $M=125.2$ ) e que as diferenças entre ambos os grupos foram significativas ( $M-W=6654.500$ ;  $p<0.05$ ). Estes resultados distintos em função do género são consistentes com os encontrados noutros trabalhos empíricos (e.g., Jackson *et al.*, 2000; Caridade & Machado, 2006; Caridade, 2008; Miller, 2011; Cameron *et al.*, 2007; Price *et al.*, 2000) e podem ser interpretados a partir de estereótipos de género ainda persistentes em termos de práticas de socialização.

É plausível que ainda exista uma maior socialização masculina para a violência, com os rapazes a serem educados para serem mais fortes, emocionalmente pouco expressivos, competitivos e dominadores face às suas parceiras enquanto a educação das raparigas ainda será tendencialmente para a submissão, para serem orientadas por terceiros e incentivadas a não expressar a raiva directamente (Wolfe, Wekerle, & Scott, 1997).

Quanto à hipótese “Não existem diferenças na legitimação da violência em função do ano de escolaridade” parece não existir sustentação para ser refutada. Embora os alunos do 9º ano de escolaridade ( $M=136.4$ ) tenham legitimado mais o uso da violência do que os do 12º ano de escolaridade ( $M=124.8$ ), as diferenças não assumem significado estatístico ( $M-W=7098.000$ ;  $p>0.05$ ). Estes resultados não vão ao encontro de resultados alcançados noutras investigações (Caridade, 2008; Matos *et al.*, 2006; Feiring *et al.*, 2002), nas quais os adolescentes mais novos demonstraram legitimar mais a violência nas relações de namoro possivelmente porque possuem uma menor experiência amorosa (Feiring *et al.*, 2002). Já os adolescentes mais velhos têm uma maior experiência amorosa, mais maturidade e pensamento crítico acerca da violência na intimidade (Matos *et al.*, 2006).

Relativamente à hipótese “Não existem diferenças na legitimação da violência em função do nível sócio-económico” também parece não ser refutável. Os participantes de nível sócio-económico baixo ( $M=140.0$ ) legitimaram mais o uso da violência do que os participantes de nível sócio-económico elevado ( $M=129.2$ ), porém, as diferenças encontradas não foram significativas ( $M-W=6802.000$ ;  $p>0.05$ ). Estes resultados também se encontram alinhados com resultados de outros estudos (Stets & Henderson, 1991, ref. por Caridade, 2008), embora alguns autores, como Pflieger e Vazsonyi (2006), tendam a pensar que os indivíduos de nível sócio-económico mais baixo podem ter menos acesso à informação, menor formação académica, elevados níveis de *stress* e uma maior exposição a actos de violência, o que poderá incentivar os sujeitos a legitimar a violência na intimidade.

Por último, a hipótese “Não existem diferenças na legitimação da violência em função do autoconceito” os resultados também aparentam não existir sustentação para ser refutada esta hipótese. Os participantes com autoconceito elevado ( $M=126.5$ ) legitimaram mais o uso da violência do que os participantes com autoconceito baixo ( $M=104.2$ ), porém, as diferenças encontradas não foram significativas ( $M-W=1618.000$ ;  $p>0.05$ ).

Deste modo, no que se refere à legitimação de violência neste grupo de jovens açorianos, apenas a variável sexo parece assumir um papel diferencial.

#### 2.4.2.2. Atitudes face à adoção de estratégias de resolução de conflitos e variáveis descritivas da amostra

Neste ponto procura-se averiguar se as estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) diferem em função do sexo, ano de escolaridade, nível sócio-económico e autoconceito dos alunos (Objectivo 3), procurando assim responder às hipóteses 5 a 8 antes formuladas. Os resultados que permitem decidir sobre a rejeição ou não das hipóteses encontram-se nos Quadros 4 e 5.

Quadro 4 – Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio e do outro no namoro e as variáveis descritivas da amostra. Estudo das diferenças entre médias.

Variáveis descritivas		Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio			Estratégias de resolução de conflitos abusivas do outro		
		Média	M-W	p	Média	M-W	p
Sexo	Feminino	147.8	5513.000	0.000	143.2	6445.500	0.007
	Masculino	106.4			116.6		
Ano de escolaridade	9º ano	120.5	5633.000	0.000	126.6	6653.500	0.028
	12º ano	158.9			148.6		
Nível sócio-económico	Baixo	140.4	6976.000	0.326	141.3	6989.500	0.305
	Elevado	130.4			130.8		
Autoconceito	Baixo	135.2	1815.000	0.564	146.6	1639.500	0.225
	Elevado	124.8			124.5		

$\alpha = 0.05$

Quadro 5 – Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do próprio e do outro no namoro e as variáveis descritivas da amostra. Estudo das diferenças entre médias.

Variáveis descritivas		Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do próprio			Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do outro		
		Média	M-W	p	Média	M-W	p
Sexo	Feminino	143.0	6236.000	0.004	140.5	6616.500	0.028
	Masculino	114.3			118.7		
Ano de escolaridade	9º ano	120.1	5508.000	0.000	122.2	5984.000	0.001
	12º ano	158.9			154.0		
Nível sócio-económico	Baixo	139.0	6968.500	0.399	134.4	7391.000	0.846
	Elevado	130.4			132.4		
Autoconceito	Baixo	130.1	1902.500	0.786	127.8	1941.000	0.891
	Elevado	125.2			125.3		

$\alpha = 0.05$

No respeitante à hipótese “Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos em função do sexo”, os resultados sugerem a sua rejeição.

Através da análise do Quadro 4, podemos constatar que os participantes do sexo feminino ( $M=147.8$ ) relataram uma maior utilização de estratégias abusivas do próprio do que os participantes do sexo masculino ( $M=106.4$ ) e que as diferenças entre ambos os grupos foram significativas ( $M-W=5513.000$ ;  $p=0.000$ ,  $\alpha =0.05$ ). Os participantes do sexo feminino ( $M=143.2$ ) relataram ainda uma maior utilização de estratégias abusivas do outro do que os participantes do sexo masculino ( $M=116.6$ ) e as diferenças foram igualmente significativas ( $M-W=6445.500$ ;  $p<0.05$ ). Estes resultados distintos em função do género são consistentes com os encontrados noutros trabalhos empíricos (e.g., Callahan *et al.*, 2003; Saavedra, 2010), nos quais, o sexo feminino apresenta níveis mais elevados de vitimação e perpetração de violência no namoro comparativamente ao sexo masculino. Estes resultados não deixam de ser curiosos tendo em vista que através da análise do quadro 2 se observou uma baixa utilização de estratégias abusivas do próprio e do outro. Possivelmente podemos atribuir estes resultados ao facto de a perpetração feminina de violência no namoro ser mais aceite do que a masculina (Avery-Leaf *et al.*, 1997; O’Keefe, 1997, ref. por Lewis & Fremouw, 2001; Cameron *et al.*, 2007). Neste estudo encontraram-se resultados semelhantes, nomeadamente que a violência psicológica e física perpetrada pelas raparigas revelaram-se como sendo os tipos de violência mais tolerados (Quadro 1). Tendo em conta que as raparigas relataram uma maior utilização de estratégias abusivas do próprio e igualmente do outro, estes resultados podem mostrar que as raparigas possivelmente recorrem ao uso da violência para se defenderem dos parceiros (Fredland *et al.*, 2003; Roscoe, 1985, Makepeace, 1986, Saunders, 1986, ref. por Foo & Margolin, 1995).

Através da análise do Quadro 5, podemos constatar ainda que os participantes do sexo feminino ( $M=143.0$ ) relataram uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do próprio do que os participantes do sexo masculino ( $M=114.3$ ) e que as diferenças entre ambos os grupos foram significativas ( $M-W=6236.000$ ;  $p<0.05$ ). Os participantes do sexo feminino ( $M=140.5$ ) relataram ainda uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do outro do que os participantes do sexo masculino ( $M=118.7$ ) e as diferenças foram igualmente significativas ( $M-W=6616.500$ ;  $p<0.05$ ).

Na análise do Quadro 1, observou-se uma maior tendência dos participantes para, no geral, não tolerarem a violência nas relações amorosas. Assim, seria de esperar que as estratégias positivas se destacassem em relação às estratégias abusivas, o que não

sucedeu. Estes resultados podem ser interpretados tendo em conta que na sociedade possivelmente existe um maior incentivo para a adopção de condutas mais agressivas, mas não tanto um reforço de comportamentos não violentos (Saavedra, 2010).

Quanto à hipótese “Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos em função do nível de escolaridade”, os resultados apontam para a sua rejeição.

Através da análise do Quadro 4 podemos constatar que os participantes do 12.º ano de escolaridade ( $M=158.9$ ) relataram uma maior utilização de estratégias abusivas do próprio do que os participantes do 9.º ano de escolaridade ( $M=120.5$ ) e as diferenças entre ambos os grupos foram significativas ( $M-W=5633.000$ ;  $p=0.000$ ). Estes resultados não vão ao encontro da maioria das investigações realizadas, nas quais, os autores não encontraram uma correlação entre a variável idade (considerando aqui os estudantes de 12.º ano como mais velhos do que os do 9.º) e a violência na intimidade de adolescentes (Malik *et al.*, 1997; Cyr, McDuff & Wright, 2006, Harned, 2002, Noland *et al.*, 2004, ref. por Caridade, 2008; Gover, 2004; Howard, Qiu, & Boekeloo, 2003). Contudo, Caridade (2008) constatou no seu estudo um resultado idêntico. A autora interpreta este resultado a partir da concepção de que os adolescentes mais velhos possivelmente apresentam uma maior tendência para assumirem a perpetração de actos violentos. Os participantes do 12.º ano de escolaridade ( $M=148.6$ ) relataram igualmente uma maior utilização de estratégias abusivas do(a) parceiro(a) que os participantes do 9.º ano de escolaridade ( $M=126.6$ ) e as diferenças entre ambos os grupos foram também significativas ( $M-W=6653.500$ ;  $p<0.05$ ). Estes resultados vão ao encontro de algumas investigações (Halpern *et al.*, 2001; Kreiter *et al.*, 1999; Roberts & Klein, 2003, ref. por Caridade, 2008; Pickett, Schmid, Boyce & Simpson, 2002; Cotton *et al.*, 1994, Silverman *et al.*, 2001, ref. por Ward & McMahon, 2006) que demonstram que os adolescentes mais velhos apresentam uma maior probabilidade de serem vítimas de violência nas suas relações amorosas do que os adolescentes mais novos.

Tendo em conta que os alunos do 12.º ano de escolaridade relataram uma maior utilização de estratégias abusivas do próprio e do outro, seria de prever que estes participantes legitimariam mais o uso da violência na intimidade, tal como se averiguou noutros estudos (Arias & Johnson, 1989, Riggs & O’Leary, 1996; Cate *et al.*, 1982; Henton *et al.*, 1983). Porém, não foi o que se observou anteriormente na análise do quadro 3. Neste estudo, os alunos do 12.º ano de escolaridade foram os que mais reprovaram o uso da violência.

Através da análise do Quadro 5, podemos constatar ainda que os participantes do 12º ano de escolaridade ( $M=158.9$ ) relataram uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do próprio do que os participantes do 9º ano de escolaridade ( $M=120.1$ ) e as diferenças entre ambos os grupos foram significativas ( $M-W=5508.000$ ;  $p=0.000$ ). Os participantes do 12º ano de escolaridade ( $M=154.0$ ) relataram também uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do(a) parceiro(a) que os participantes do 9º ano de escolaridade ( $M=122.2$ ) e as diferenças entre ambos os grupos foram igualmente significativas ( $M-W=5984.000$ ;  $p<0.05$ ). Como os participantes do 12.º ano de escolaridade foram os que mais reprovaram o uso de violência, previa-se a observação de uma predominância de utilização de estratégias positivas relativamente às abusivas, mas ambas foram as mais relatadas pelos participantes.

Relativamente à hipótese “Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos (abusivas/não abusivas) em função do nível sócio-económico” parece não existir sustentação para ser refutada.

Através da análise do Quadro 4, podemos constatar que apesar dos participantes de nível sócio-económico baixo ( $M=140.4$ ) relatarem uma maior utilização de estratégias abusivas do próprio do que os participantes de nível sócio-económico elevado ( $M=130.4$ ), as diferenças encontradas não foram significativas ( $M-W=6976.000$ ;  $p>0.05$ ). Os participantes de nível sócio-económico baixo ( $M=141.3$ ) relataram igualmente uma maior utilização de estratégias abusivas do(a) parceiro(a) que os participantes de nível sócio-económico elevado ( $M=130.8$ ), mas as diferenças encontradas também não foram significativas ( $M-W=6989.500$ ;  $p>0.05$ ). Estes resultados vão ao encontro de resultados obtidos em alguns estudos (Cyr, McDuff & Wright, 2006, Magdol *et al.*, 1998, O’ Keefe & Treister, 1998, ref. por Caridade, 2008; Foshee *et al.*, 2001), isto é, estudos em que não se evidenciou uma relação entre o nível sócio-económico e a existência de violência nas relações íntimas.

Através da análise do Quadro 5, podemos constatar ainda que os participantes de nível sócio-económico baixo ( $M=139.0$ ) relataram uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do próprio do que os participantes de nível sócio-económico elevado ( $M=130.4$ ), mas as diferenças entre ambos os grupos não foram significativas ( $M-W=6968.500$ ;  $p>0.05$ ). Os participantes de nível sócio-económico baixo ( $M=134.4$ ) relataram também uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do(a) parceiro(a) que os participantes de nível sócio-económico elevado ( $M=132.4$ ), porém,

as diferenças entre ambos os grupos também não foram significativas ( $M-W=7391.000$ ;  $p>0.05$ ). O nível sócio-económico não se destaca como uma variável diferencial na utilização de estratégias (abusivas/não abusivas) de resolução de conflitos. O mesmo foi observado relativamente às atitudes de legitimação de violência (Quadro 3).

Por último, a hipótese “Não existem diferenças nas estratégias de resolução de conflitos em função do autoconceito” os resultados também aparentam não refutar esta hipótese.

Através da análise do Quadro 4, podemos constatar que embora os participantes com autoconceito baixo ( $M=135.2$ ) tenham relatado uma maior utilização de estratégias abusivas do próprio do que os participantes com autoconceito elevado ( $M=124.8$ ), as diferenças encontradas não foram significativas ( $M-W=1815.000$ ;  $p>0.05$ ). Os participantes com autoconceito baixo ( $M=146.6$ ) relataram igualmente uma maior utilização de estratégias abusivas do(a) parceiro(a) que os participantes com autoconceito elevado ( $M=124.5$ ), mas as diferenças encontradas também não foram significativas ( $M-W=1639.500$ ;  $p>0.05$ ). Dada a escassez de estudos que procuram avaliar a relação entre o autoconceito e a violência nas relações amorosas de adolescente e, uma vez que, a auto-estima é uma componente do autoconceito (Cast & Burke, 2002, ref. por Sciangula & Morry, 2009), faremos a comparação dos resultados com investigações que incluíram a variável auto-estima. Estes resultados vão encontro de outras investigações (Cleveland *et al.*, 2003; Foshee *et al.*, 2004; O’Keefe, 1998), nas quais, não se encontraram uma associação entre a auto-estima e a violência nas relações amorosas.

Através da análise do Quadro 5, podemos constatar ainda que os participantes com autoconceito baixo ( $M=130.1$ ) relataram uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do próprio do que os participantes com autoconceito elevado ( $M=125.2$ ), mas as diferenças entre ambos os grupos não foram significativas ( $M-W=1902.500$ ;  $p>0.05$ ). Os participantes com autoconceito baixo ( $M=127.8$ ) relataram também uma maior utilização de estratégias positivas ou não abusivas do(a) parceiro(a) que os participantes com autoconceito elevado ( $M=125.3$ ), porém, as diferenças entre ambos os grupos também não foram significativas ( $M-W=1941.000$ ;  $p>0.05$ ).

Assim, no que se refere às estratégias de resolução de conflitos neste grupo de jovens açorianos, só as variáveis sexo e ano de escolaridade parecem adoptar um papel diferencial.

## CONCLUSÃO

O fenómeno da violência no namoro é complexo. A começar pela operacionalização do conceito de violência no namoro. São várias as definições propostas pelos investigadores e, além disso, a violência no namoro pode manifestar-se em diversos tipos de abusos e comportamentos violentos, o que constitui um enorme campo de investigação nesta área. O estudo de atitudes e/ou crenças de legitimação de violência na intimidade revela-se muito pertinente, na medida em que anuncia o que os adolescentes pensam acerca desta temática. Em relação aos factores de risco que concorrem para a possível vitimização e/ou perpetração de violência nas relações íntimas de adolescentes, é de salientar que, de uma forma geral, não existe consenso na literatura sobre o papel destes factores na ocorrência de violência nas relações íntimas de adolescentes, ou seja, os dados obtidos ainda não são consistentes, concretamente no que se refere, por exemplo, a variáveis como o sexo, o ano de escolaridade/idade, a observação de violência no contexto familiar ou a auto-estima, cujos resultados das investigações realizadas não são consensuais e levam a que se questione o peso que essas variáveis efectivamente têm na existência de violência nas relações amorosas entre adolescentes.

No presente estudo, em termos globais, a maioria dos participantes parece não legitimar a violência nas relações amorosas. No que se refere às estratégias de resolução de conflitos abusivas, no geral, pode-se assumir que a maioria dos participantes não adopta com frequência estas estratégias nas suas relações de namoro e refere igualmente que os seus(suas) parceiros(as) também não as utilizam. Relativamente às estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas, no geral, os participantes referiram alguma utilização destas estratégias nas suas relações amorosas e afirmaram igualmente alguma utilização pelos(as) seus(suas) parceiros(as). Em relação à associação entre as atitudes de legitimação da violência e as variáveis descritivas da amostra consideradas neste estudo, apenas a variável sexo parece assumir um papel diferencial. Neste investigação, a associação entre as atitudes de legitimação da violência e a variável autoconceito, surge como um novo dado, uma vez que, o autoconceito constitui uma variável pouco abordada nesta área de investigação. Já em relação às estratégias de resolução de conflitos, as variáveis sexo e ano de escolaridade foram as que se destacaram.

O presente estudo não está isento de limitações. Assim, deverão ser ponderados aspectos como a desejabilidade social nos resultados obtidos e a pressão exercida pelos pares, dado que o questionário foi aplicado no contexto de sala de aula, o que pode significar que este factor condicionou as respostas dadas pelos participantes. A extensão dos instrumentos pode igualmente constituir uma limitação neste estudo, assim como a reduzida amostra.

No que se refere a recomendações para investigações futuras, reforçamos a ideia de que mais investigações nesta área são necessárias para um maior conhecimento e compreensão da problemática da violência nas relações de namoro entre adolescentes. Consideramos pertinente alargar o estudo desta temática à população adolescente que não se encontra no ensino, pois a problemática da violência na intimidade entre adolescentes possivelmente não se circunscreve apenas aos adolescentes que se encontram a frequentar o ensino. Adicionalmente, para investigações futuras devem ser consideradas a utilização de uma metodologia quantitativa e qualitativa, dado que poderá permitir a compreensão e a abordagem de determinadas questões relacionadas com a violência nas relações de namoro, nomeadamente os motivos que os adolescentes atribuem a esses comportamentos, o impacto provocado e os contextos em que estas situações abusivas ocorrem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ackard, D. M., & Neumark-Sztainer, D. (2002). Date violence and date rape among adolescents: Associations with disordered eating behaviors and psychological health. *Child Abuse & Neglect*, 26, 455-473.
- Anderson, V. N., Simpson-Taylor, D., & Herrmann, D. J. (2004). Gender, age and rape-supportive rules. *Sex Roles*, 50(1/2), 77-90.
- Ashley, O. S., & Foshee, V. A. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health*, 36, 25-31.
- Avery-Leaf, S., Cascardi, M., O'Leary, K. D., & Cano, A. (1997). Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health*, 21(1), 11-17.
- Basile, K. C., & Saltzman, L. E. (2002). *Sexual violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements*. Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Injury Prevention and Control.
- Ben-David, S., & Schneider, O. (2005). Rape perceptions, gender role attitudes and victim-perpetrator acquaintance. *Sex Roles*, 53(5/6), 385-399.
- Bergman, L. (1992). Dating violence among high school students. *Social Work*, 37(1), 21-27.
- Black, B. M., & Weisz, A. N. (2004). Dating violence: a qualitative analysis of Mexican American youths' views. *Journal of Ethnic & Cultural Diversity in Social Work*, 13(3), 69-90.
- Boden, J. M., Fergusson, D. M., & Horwood, L. J. (2007). Self-esteem and violence: testing links between adolescent self-esteem and later hostility and violent behavior. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 42, 881-891.
- Borowsky, I. W., Hogan, M., & Ireland, M. (1997). Adolescent sexual aggression: risk and protective factors. *Pediatrics*, 100(6), 1-8.
- Bouchey, H. A., & Furman, W. (2003). Dating and romantic experiences in adolescence. In G. R. Adams & M. Berzonsky (Eds.), *The Blackwell handbook of adolescence* (pp. 313-329). Oxford: Blackwell.
- Breitenbecher, K. H. (2000). Sexual assault on college campuses: Is an ounce of prevention enough?. *Applied & Prevention Psychology*, 9, 23-52.
- Buddie, A. M., & Miller, A. G. (2002). Beyond rape myths: a more complex view of perceptions of rape victims. *Sex Roles*, 45(3/4), 139-160.

Buhi, E. R., Clayton, H., & Surrency, H. H. (2008). Stalking victimization among college women and subsequent help-seeking behaviors. *Journal of American College Health, 57*(4), 419-425.

Caldeira, S. N. (2012). As relações de namoro na adolescência. Comunicação oral apresentada no Congresso Internacional *Adolescência. Desafios e Riscos*. Universidade dos Açores: Ponta Delgada.

Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research, 18*(6), 664-681.

Cameron, C. A., Byers, E. S., Miller, S. A., McKay, S. L., Pierre, M. St., Glenn, S., & Provincial Strategy Team for Dating Violence Prevention. (2007). *Dating violence prevention in New Brunswick*. Muriel McQueen Fergusson Centre for Family Violence Research: University of New Brunswick.

Cano, A., Avery-Leaf, S., Cascardi, M., & O'Leary, K. D. (1998). Dating violence in two high school samples: discriminating variables. *The Journal of Primary Prevention, 18*(4), 431-446.

Carr, J. L., & VanDeusen, K. M. (2002). The relationships between family of origin violence and dating violence in college men. *Journal of Interpersonal Violence, 17*, 630-646.

Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutorado em Psicologia. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 4*(XXIV), 485-493.

Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia, XXII*(1), 77-104.

Carlson, B. E. (1999). Student judgments about dating violence: a factorial vignette analysis. *Research in Higher Education, 40*(2), 201-220.

Castro, R., & Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas. *Revista Saúde Pública, 38*, 62-70.

Cate, R. M., Henton, J. M., Koval, J., Christopher, E S., & Lloyd, S. (1982). Premarital Abuse: A social psychological perspective. *Journal of Family Issues, 3*(1), 79-90

Champion, H. L. O., Foley, K. L., DuRant, R. H., Hensberry, R., Altman, D., & Wolpson, M. (2004). Adolescent sexual victimization, use of alcohol and other substances and other health risk behaviors. *Journal of Adolescent Health, 35*, 321-328.

Cleveland, H. H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence*, 18, 325-339.

Close, S. M. (2005). Dating violence prevention in middle school and high school youth. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 18(1), 2-9.

Coelho, C., & Machado, C. (2010). Violência entre jovens: prevenção através da educação por pares. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Braga: Universidade do Minho.

Coker, A. L., McKeown, R. E., Sauderson, M., Davis, K. E., Valois, R. E., & Huebner, E. S. (2000). Severe dating violence and quality of life among South Carolina high school students. *American Journal of Preventive Medicine*, 19, 220-227.

Collin-Vézina, D., Hébert, M., Manseau, H., Blais, M., & Fernet, M. (2006). Self-concept and dating violence in 220 adolescent girls in the Child Protective System. *Child & Youth Care Forum*, 35(4), 319-326.

Connolly, J., Friedlander, L., Pepler, D., Craig, W., & Laporte, L. (2010). The ecology of demographic risk factors. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 19, 469-491.

Cornelius, T., & Resseguie, N. (2007). Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of literature. *Aggression and Violent Behaviour*, 12, 364-375.

Cowan, G., & Campbell, R. R. (1995). Rape causal attitudes among adolescents. *Journal of Sex Research*, 32, 145-153.

Dahlberg, L. L. (1998). Youth violence in the United States. Major trends, risk factors, and prevention approaches. *American Journal of Preventive Medicine*, 14, 259-272.

Deal J. E., & Wampler, K. S. (1986). Dating violence: The primacy of previous experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 3, 457-471.

Ehlert, C. (2007). *Adolescent Dating Violence: A Review of Literature on Development, Prevalence, Perceptions, Help-Seeking and Prevention Programs*. Master of Science Degree in Education. University of Wisconsin-Stout.

Ellickson, P. L., & McGuigan, K. A. (2000). Early predictors of adolescent violence. *American Journal of Public Health*, 90, 566-572.

Espelage, D. L., & Holt, M. K. (2007). Dating violence & sexual harassment across the bully-victim continuum among middle and high school students. *Journal of Youth Adolescence*, 36, 799-811.

Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: the role of gender, grade and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 31(5), 373-385.

- Feltey, K. M., Ainslie, J. J., & Geib, A. (1991). Sexual coercion attitudes among high school students: The influence of gender and rape education. *Youth & Society*, 23(2), 229-225.
- Flisher, A. J., Myer, L., Mèrais, A., Lombard, C., & Reddy, P. (2007). Prevalence and correlates of partner violence among South African adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(6), 619-627.
- Foo, L., & Margolin, G. (1995). A multivariate investigation of dating aggression. *Journal of Family Violence*, 10(4), 351-377.
- Foshee, V.A., Bauman, K.E., Arriaga, X.B., Helms, R.W., Koch, G.G., & Linder, G.F. (1998). An evaluation of Safe Dates, an adolescent dating violence prevention program. *American Journal of Public Health*, 88, 45-50.
- Foshee, V. A., Benefield, T. S., Ennett, S. T., Bauman, K. E., & Suchindran, C. (2004). Longitudinal predictors of serious physical and sexual dating violence victimization during adolescence. *Preventive Medicine*, 39, 1007-1016.
- Foshee, V. A., Linder, F., MacDougall, J. E., & Bangdiwala, S. (2001). Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. *Preventive Medicine*, 32, 128-141.
- Franco, L. R., Bellerín, M. A. A., Borrego, J., Díaz, F. J. R., & Molleda, C. B. (2012). Tolerance towards dating violence in Spanish adolescents. *Psicothema*, 24(2), 236-242.
- Fredland, N. M., Ricardo, I. B., Campbell, J. C., Sharps, P. W., Kub, J. K., & Yonas, M. (2005). The meaning of dating violence in the lives of middle school adolescents: a report of a focus group study. *Journal of School Violence*, 4(2), 95-114.
- Gagne, M. H., Lavoie, E., & Hebert, M. (2005). Victimization during childhood and revictimization in dating relationships in adolescent girls. *Child Abuse & Neglect*, 29, 1155-1172.
- Gidycz, C. A., Coble, A. N., Latham, L., & Layman, M. (1993). Sexual assault experience in adulthood and prior victimization experiences. A prospective analysis. *Psychology of Women Quarterly*, 17, 151-168.
- Gidycz, C. A., Hanson, K., & Layman, M. (1995). A prospective analysis of the relationships among sexual assault experiences. An extension of previous findings. *Psychology of Women Quarterly*, 19, 5-29.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating Violence: Prevalence, risk factors, outcomes and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues*, 32, 227-238.

- Gómez, Y., Méndez-Valdivia, M., Izquierdo, M., Muñiz, C., Díaz, F., Herrero, F., & Coto, E. (2002). Mujeres maltratadas por sus parejas masculinas. *Psicothema*, 14, 130-138.
- Gover, A. R. (2004). Risky lifestyles and dating violence: A theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*, 32, 171-180.
- Haberyan, A., & Kibler, J. (2008). Physical violence in rural and urban Midwestern adolescent dating relationships. *Psychology Journal*, 5(3), 158-164.
- Halpern, C. T., Oslak, S. G., Young, M. L., Martin, S. L., & Kupper, L. L. (2001). Partner Violence Among Adolescents in Opposite-Sex Romantic Relationships: Findings From the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *American Journal of Public Health*, 91(10), 1679-1685.
- Hamby, S. (1998). Partner violence. Preventive and intervention. In J. Jasinski & L. Williams (Eds.), *Partner violence – A comprehensive review of 20 years research* (pp. 211-260). Thousand Oaks: Sage.
- Henton, J., Cate, R., Koval, J., Lloyd, S., & Christopher, S. (1983). Romance and violence in dating relationships. *Journal of Family Issues*, 4, 467-482.
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, 5(2), 123-142.
- Hilton, N. Z., Harris, G. T., & Rice, M. E. (2003). Adolescents' perceptions of the seriousness of sexual aggression: influence of gender, traditional attitudes and self-reported experience. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 15(3), 201-214.
- Himelein, M. J. (1995). Risk factors for sexual victimization in dating. A longitudinal study of college women. *Psychology of Women Quarterly*, 19, 31-48.
- Hird, M. J. (2000). An empirical study of adolescent dating aggression in the U.K. *Journal of Adolescence*, 23, 69-78.
- Holt, M. K., & Espelage, D. L. (2005). Social support as a moderator between dating violence victimization and depression/anxiety among African American and Caucasian adolescents. *School Psychology Review*, 34, 309-328.
- Howard, D., Qiu, Y., & Boekeloo, B. (2003). Personal and social contextual correlates of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 33, 9-17.
- Howard, D. E., & Wang, M. Q. (2003). Psychosocial factors associated with adolescent boys' reports of dating violence. *Adolescence*, 38, 519-533.
- Humphrey, J. A., & White, J. W. (2000). Women's vulnerability to sexual assault from adolescence to young adulthood. *Journal of Adolescent Health*, 27, 419-424.

Jackson, S. M., Cram, F., & Seymour, F. W. (2000). Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships. *Journal of Family Violence*, 15(1), 23-36.

Jezl, D., Molidor, C., & Wright, T. (1996). Physical, sexual, and psychological abuse in high school dating relationships: Prevalence rates and self-esteem issues. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 13(1), 69-88.

Johnson, S. B., Frattaroli, S., Campbell, J., Wright, J., Pearson-Fields, A. S., & Cheng, T. L. (2005). "I know what love means." Gender-based violence in the lives of urban adolescents. *Journal of Women's Health*, 14(2), 172-179.

Jones, S., & Gardner, S. (2002). Variables related to attitudes toward domestic violence and use of reasoning, verbal aggression, and violent conflict tactics in high school students. *Journal of Family and Consumer Sciences Education*, 20, 32-47.

Katz, J., Kuffel, S. W., & Coblenz, A. (2002). Are there gender differences in sustaining dating violence? An examination of frequency, severity and relationship satisfaction. *Journal of Family Violence*, 17(3), 247-271.

Kennedy, M. A., & Gorsalka, B. B. (2002). Asian and non-asian attitudes toward rape, sexual harassment and sexuality. *Sex Roles*, 46(7/8), 227-238.

Kinsfogel, K. M., & Grych, J. H. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional and peer influences. *Journal of Family Psychology*, 18(3), 505-515.

Kreiter, S. R., Krowchuk, D. P., Woods, C. R., Sinal, S. H., Lawless, M. R., & DuRant, R. H. (1999). Gender differences in risk behaviors among adolescents who experience date fighting. *Pediatrics*, 104, 1286-1292.

Kuffel, S. W., & Katz, J. (2002). Preventing physical, psychological and sexual aggression in college dating relationships. *The Journal of Primary Prevention*, 22, 361-374.

Lane, K., & Gwartney-Gibbs, P. (1985). Violence in the context of dating and sex. *Journal of Family Issues*, 6, 45-59.

Lee, J., Busch, N. B., Kim, J., & Lim, H. (2007). Attitudes toward date rape among university students in South Korea. *Sex Roles*, 57, 641-649.

Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence. A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21, 105-127.

Lichter, E. K., & McCloskey, L. A. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28, 344-357.

Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape myths: In review. *Psychology of Women Quarterly*, 18, 133-164.

- Lowe, L. A., Jones, C. D., & Banks, L. (2007). Preventing dating violence in public schools: an evaluation of an interagency collaborative program for youth. *Journal of School Violence*, 6(3), 69–87.
- Magdol, L., Moffitt, T., Caspi, A., Newman, D., Fagan, J., & Silva, P. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68–78.
- Malik, S., Sorenson, S. B., & Aneshensel, C. S. (1997). Community and dating violence among adolescents: Perpetration and victimization. *Journal of Adolescent Health*, 21(5), 291-302.
- Martinez, L. F., & Ferreira, A. I. (2008). *Análise de dados com SPSS*. Lisboa: Escolar Editora.
- Matos, M., Machado, C. Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 55-76.
- McDonnell, J., Ott, J., & Mitchell, M. (2010). Predicting dating violence victimization and perpetration among middle and high school students in a rural southern community. *Children and Youth Services Review*, 32, 1458-1463.
- McLaughlin, I. G., Leonard, K. E., & Senchak, M. (1992). Prevalence and distribution of premarital aggression among couples applying for a marriage license. *Journal of Family Violence*, 7, 309-319.
- Méndez, R. G., & Hernández, J. D. S. (2001). La violencia en parejas jóvenes. *Psicothema*, 13(1), 127-131.
- Merten, M. J. (2008). Acceptability of dating violence among late adolescents: the role of sports participation, competitive attitudes and selected dynamics of relationship violence. *Adolescence*, 43(169), 31-56.
- Miller, L. (2011). Physical abuse in a college setting: a study of perceptions and participation in abusive dating relationships. *Journal of Family Violence*, 26, 71-80.
- Morais, C. M. (2005). *Escalas de Medida, Estatística Descritiva e Inferência Estatística*. Bragança: Escola Superior de Educação Instituto Politécnico de Bragança.
- Muñoz-Rivas, M. J., Graña, J. L., O’Leary, K. D., & González, M. P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: prevalence, justification and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, 40, 298-304.
- Muram, D., Hostetler, B. R., Jones, C. E., & Speck, P. M. (1995). Adolescent victims of sexual assault. *Journal of Adolescent Health*, 17, 372-375.

Norris, J., Nurius, P. S., & Dimeff, L. A. (1996). Through her eyes: factors affecting women's perception of and resistance to acquaintance sexual aggression threat. *Psychology of Women Quarterly*, 20, 123-145.

Oliveira, M. S. A. (2009). *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Forenses. Porto: Universidade do Porto.

O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13(1), 39-57.

O'Keefe, M. (2005). Teen dating violence: a review of risk factors and prevention efforts. *Applied Research Forum. National Electronic Network on Violence Against Women*, 1-13.

O'Leary, K. D., Slep, A. M. S., Avery-Leaf, S., & Cascardi, M. (2008). Gender differences in dating aggression among multiethnic high school students. *Journal of Adolescent Health*, 42, 473-479.

Outlaw, M. (2009). No one type of intimate partner abuse: exploring physical and non-physical abuse among intimate partners. *Journal of Family Violence*, 24, 263-272.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), 165-184.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 2, 243-272.

Parrott, D. J., & Zeichner, A. (2003). Effects of trait anger and negative attitudes towards women on physical assault in dating relationships. *Journal of Family Violence*, 18, 301-307.

Pflieger, J., C., & Vazsonyi, A., T. (2006). Parenting process and dating violence: the mediating role of self-esteem in low and high-SES adolescents. *Journal of Adolescence*, 29, 495-512.

Pickett, W., Schmid, H., Boyce, W. F., & Simpson, K. (2002). Multiple risk behavior and injury: an international analysis of young people. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 156, 786-794.

Price, E. L., Byers, E. S., & Dating violence research team (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 4, 387-415.

Price, E. L., Byers, E. S., Sears, H. A., Whelan, J., Saint-Pierre, M. (2000). Dating Violence Amongst New Brunswick Adolescents: A Summary of Two Studies. *Muriel McQueen Fergusson Centre for Family Violence Research*.

- Protivnak, J. J., & McRoberts, J. L. (2011). Abusive partner relationships in secondary schools: identification and intervention strategies for school counsellors. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 21(1), 49-59.
- Purcell, R., Moller, B., Flower, T., & Mullen, P. E. (2009). Stalking among juveniles. *The British Journal of Psychiatry*, 194, 451-455.
- Purcell, R., Pathé, M., & Mullen, P. E. (2004). When do repeated intrusions become stalking? *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 15, 571-83.
- Ragg, D. M. (1999). Dimensions of self-concept as predictors of men who assault their female partners. *Journal of Family Violence*, 14(3), 315-329.
- Raj, A., Reed, E., Miller, E., Decker, M. R., Rothman, E. F., & Silverman, J. G. (2007). Contexts of condom use and non-condom use among young adolescent male perpetrators of dating violence. *AIDS Care*, 19(8), 970-973.
- Riggs, D. S., & O'Leary, K. D. (1996). Aggression between heterosexual dating partners: an examination of a causal model of courtship aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 11(4), 519-540.
- Rivera-Rivera, L., Allen, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2006). Violencia durante el noviazgo, depresión y conductas de riesgo en estudiantes femininas (12-24 años). *Salud Pública de México*, 48, 288-296.
- Rivera-Rivera, L., Allen-Leigh, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2007). Prevalence and correlates of adolescent dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Preventive Medicine*, 44, 477-484.
- Rosen, K. H., Bartle-Haring, S., & Stith, S. M. (2001). Using Bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. *Journal of Family Issues*, 22, 124-142.
- Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Tese de Doutorado em Psicologia. Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, P. B. (2006). *Metodología de Pesquisa*. (3<sup>a</sup> Ed.) Lisboa: McGrawHill.
- Sands, K. (2009). *Attitudes, beliefs and perceptions of intimate partner abuse in a college sample: results of a pilot study*. A Senior Honors Thesis. The Ohio State University.
- Schumacher, J. A., & Slep, A. M. S. (2004). Attitudes and dating aggression: a cognitive dissonance approach. *Prevention Science*, 5(4), 231-243.

- Scianguola, A., & Morry, M. M. (2009). Self-esteem and perceived regard: how I see myself affects my relationship satisfaction. *The Journal of Social Psychology*, 149(2), 143-158.
- Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliott, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 103-121.
- Silverman, J., Raj, A., & Clements, K. (2004). Dating violence and associated sexual risk and pregnancy among adolescent girls in the United States. *Pediatrics*, 114(2), 220-225.
- Smith, J. P., & Williams, J. G. (1992). From abusive household to dating violence. *Journal of Family Violence*, 7(2), 153-165.
- Söchting, I., Fairbrother, N., & Koch, W. J. (2004). Sexual assault of women: Prevention efforts and risk factors. *Violence Against Women*, 10, 73-93.
- Spencer, G. A., & Bryant, S. A. (2000). Dating violence: a comparison of rural, suburban and urban teens. *Journal of Adolescent Health*, 27, 302-305.
- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2003). What mad pursuit? Obsessive relational intrusion and stalking related phenomena. *Aggression and Violent Behavior*, 8, 345-375.
- Stets, J. E. (1991). Psychological aggression in dating relationships: the role of interpersonal control. *Journal of Family Violence*, 6, 97- 115.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D.B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Straus, M. A., & Ramirez, I. L. (2007). Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in México and USA. *Aggressive Behavior*, 33, 281-290.
- Straus, M. A., & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 346-357.
- Swahn, M. H., Simon, T. R., Hetz, M. F., Arias, M. S. I., Bossarte, R. M., Ross, J. G., Gross, L. A., Iachan, R., & Hamburger, M. E. (2008). Linking dating violence, peer violence and suicidal behaviors among high-risk youth. *American Journal of Preventive Medicine*, 34(1), 30-38.
- Swart, L., Seedat, M., Stevens, G., & Ricardo, I. (2002). Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. *Journal of Adolescence*, 25, 385-395.

- Terence, A. C. F., & Filho, E. E. (2006). Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais in *XXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção*. Brasil: Fortaleza.
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth. B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18(7), 923-927.
- Thongpriwan, V., & McElmurry, B. J. (2009). Thai female adolescents' perceptions of dating violence. *Health Care for Women International*, 30, 871-891.
- Ulloa, E. C., Jaycox, L. H., Skinner, S. K., & Orsburn, M. M. (2008). Attitudes about violence and dating among latino/a boys and girls. *Journal of Ethnic & Cultural Diversity in Social Work*, 17(2), 157-176.
- Veiga, F. H. (1989). Escala de autoconceito: adaptação portuguesa do "Piers-Harris Children's Self-Concept Scale". *Psicologia*, VII(3), 275-284.
- Vézina, J., & Hérbert, M. (2007). Risk factors for victimization in romantic relationships of young women. A review of empirical studies and implications for prevention. *Trauma, Violence, and Abuse*, 8(1), 33-66.
- Vicary, J. R., Klingaman, L. R., & Harkness, W. L. (1995). Risk factors associated with date rape and sexual assault of adolescent girls. *Journal of Adolescence*, 18, 289-306.
- Ward, M. C., & McMahon, P. M. (2006). Identifying risk factors associated with intimate partner violence perpetration among youth. *Journal of Knowledge and Best Practices in Juvenile Justice and Psychology*, 1(1), 5-10.
- Wekerle, C., & Tanaka, M. (2010). Adolescent dating violence research and violence prevention: an opportunity to support health outcomes. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19, 681-698.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19(4), 435-456.
- West, C. M. (2008). "A thin line between love and hate?" Black men as victims and perpetrators of dating violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 16(3), 238-257.
- White, J. W., & Koss, M. P. (1991) Courtship violence: incidence in a national sample of higher education samples. *Violence and Victims*, 6, 247-256.
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Courtship behaviors, relationship violence, and breakup persistence in college men and women. *Psychology of Women Quarterly*, 20, 248-257.

Wolfe, D., Wekerle, C., & Scott, K. (1997). *Alternatives to violence: Empowering youth to develop healthy relationships*. Thousand Oaks, CA Sage.

Wood, K., Maforah, F., & Jewkes, R. (1998). "He forced me to love him": putting violence on adolescent sexual health agendas. *Social Science & Medicine*, 47(2), 233-242.

Wright, E., & Benson, M. L. (2010). Relational aggression, intimate partner violence and gender: an exploratory analysis. *Victims and Offenders*, 5, 283-302.

Young, B. J., & Furman, W. (2008). Interpersonal factors in the risk for sexual victimization and its recurrence during adolescence. *Journal of Youth Adolescence*, 37, 297-309.

# **ANEXOS**

## Anexo I. Caracterização dos participantes

Variáveis descritivas		N	Frequência	% válida
Sexo	Feminino	267	175	65.5
	Masculino		92	34.5
Ano de escolaridade	9º ano	267	177	66.3
	12º ano		90	33.7
Nível sócio-económico	Baixo	267	82	30.7
	Elevado		185	69.3
Autoconceito	Baixo	252	17	6.7
	Elevado		235	93.3

## **Anexo II. Consentimento Informado (Presidente do Conselho Executivo)**



**Universidade dos Açores**  
**Departamento de Ciências da Educação**

### **Consentimento informado**

Estimado(a) Presidente do Conselho Executivo

Mónica Gonçalves, no âmbito do trabalho de dissertação do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade dos Açores, vem solicitar o vosso consentimento para a aplicação de um questionário acerca da violência nas relações de namoro, a alunos que frequentam o 9º ano e o 12º ano de escolaridade neste Estabelecimento de Ensino.

Os dados recolhidos destinam-se apenas a apuramentos estatísticos, sendo assegurada a confidencialidade dos mesmos e o anonimato dos participantes.

Ponta Delgada,

Mónica Gonçalves

---

O(A) Presidente do Conselho Executivo

---

### **Anexo III. Consentimento Informado (Encarregado de Educação)**



#### **Universidade dos Açores Departamento de Ciências da Educação**

#### **Consentimento Informado**

Estimado(a) Encarregado(a) de Educação

No âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação, da Universidade dos Açores, estou a realizar um estudo sobre a violência no namoro em adolescentes nos Açores. Pretendo conhecer as percepções dos adolescentes sobre esta problemática, com vista desvendar aspectos que podem contribuir para a promoção de relações de género paritárias.

Para o efeito é muito importante a colaboração do/a vosso/a educando/a, através da resposta a um questionário, aplicado em sala de aula. A participação dos adolescentes é voluntária, estando asseguradas a confidencialidade e o anonimato de todos os dados recolhidos.

Deste modo, venho solicitar a vossa colaboração, no sentido de autorizarem a participação do/a vosso/a educando/a neste estudo. A participação do/a seu/sua educando/a poderá ser muito importante para, no futuro, se poderem ajudar outros jovens.

Para qualquer dúvida ou esclarecimento adicional sobre este trabalho poderá contactar para o número \_\_\_\_\_.

Antecipadamente Grata pela sua Colaboração

Mónica Gonçalves

---

Sou conhecedor da realização deste trabalho e dou autorização para que o meu educando nele participe.

Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação,

---

## Anexo IV. Questionário sobre o Namoro na Adolescência (QNA)

Este questionário procura conhecer o que os adolescentes pensam sobre si e sobre as relações de namoro. Assim, pedimos que respondas com sinceridade a todas as questões. As respostas são confidenciais. Obrigado pela tua colaboração!

### Dados pessoais e escolares

Sexo: F  M  Idade: \_\_\_\_\_ Recebes escalão escolar? Sim  Não

Ano: 9ºano  12ºano

### Escala de Autoconceito de Piers-Harris (PHSCS)

(Autor: Piers, 1969, 1988; Adaptação Portuguesa: F. Veiga, 1989)

*Versão reduzida para Investigação*

O que pensamos sobre o namoro e os aspectos da vida pode estar relacionado com a forma como nos vemos e sentimos num dado momento. Em relação às afirmações que se seguem, se forem adequadas a ti, deves marcar um X na quadrícula do “sim”. Se não estão adequadas a ti, deves fazer um X na quadrícula correspondente ao “não”. Só tu sabes o que pensas de ti mesmo, por isso esperamos que respondas de acordo com o que realmente pensas de ti próprio.

	Sim	Não
1. Faço muitas coisas más.		
2. Meto-me frequentemente em sarilhos.		
3. Sou nervoso(a).		
4. Tenho medo muitas vezes.		
5. Os meus colegas da escola acham que tenho boas ideias.		
6. Sou capaz de dar uma boa impressão perante a turma.		
7. Tenho muitos amigos.		
8. Tenho dificuldades em fazer amizades.		
9. Sou bonito(a).		
10. Tenho o cabelo bonito.		
11. Sou uma pessoa feliz.		
12. Gostava de ser diferente daquilo que sou.		

### Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001; Adaptação Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

*Versão para Investigação*

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um X na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

- A) **Assinala com um X a opção que melhor se aplica à tua situação.**
- Namoro ou já namorei
  - Nunca namorei (Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário)
  - Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário)
- B) **Se já estiveste envolvido numa relação de namoro, por favor, responde à seguinte questão:**  
Com que idade começaste a namorar? \_\_\_\_\_
- C) **Nas páginas que se seguem são feitas algumas questões sobre os teus relacionamentos actuais ou sobre relações que tenhas tido. Por favor assinala a pessoa em que estás a pensar quando respondes a estas questões:**
- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) actualmente.
  - Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano.
  - Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu /tua actual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

**Nunca (N):** isto nunca aconteceu no teu relacionamento  
**Raramente (R):** isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento  
**Às vezes (AV):** isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento  
**Frequentemente (F):** isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

**DURANTE UMA DISCUSSÃO OU CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):**

	N	R	AV	F
1. Eu apresentei os meus motivos.				
1.1 Ele(a) apresentou os motivos dele(a).				
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).				
2.1 Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.				
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).				
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.				
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.				
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.				
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.				
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.				
6. Eu admiti que tinha alguma culpa.				
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.				
7. Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.				
7.1. Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.				
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.				
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.				
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).				
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).				
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).				
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o).				
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).				
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).				
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.				
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.				
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.				
13.1 Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.				
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.				
14.1 Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.				
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).				

15.1 Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.				
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.				
16.1 Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.				
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.				
17.1 Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.				
18. Eu discuti o assunto calmamente.				
18.1 Ele(a) discutiu o assunto calmamente.				
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.				
19.1 Ele(a) beijou-me quando eu não queria.				
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).				
20.1 Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.				
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.				
21.1 Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.				
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.				
22.1 Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.				
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.				
23.1 Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.				
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.				
24.1 Ele(a) culpou-me pelo problema.				
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.				
25.1 Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.				
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.				
26.1 Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.				
27. Eu desisti só para evitar um conflito.				
27.1 Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.				
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.				
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.				
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.				
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito.				
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.				
30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.				
31. Eu ameacei magoá-lo(a).				
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me.				
32. Eu ameacei terminar o namoro.				
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro.				
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.				
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.				
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).				
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.				
35. Eu espalhei boatos contra ele(a).				
35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim.				

### Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)

(Autores: Price, Byers, & *The Dating Violence Research Team*, 1999; Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

*Versão para Investigação*

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um X na opção que melhor traduza o teu modo de pensar.

Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

- Discordo Totalmente **(DT)**  
 Discordo **(D)**  
 Não concordo nem discordo **(NCND)**  
 Concordo **(C)**  
 Concordo totalmente **(CT)**

**Parte A**

	DT	D	NCND	C	CT
1. Um rapaz não deve insultar a namorada.					
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.					
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.					
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.					
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.					
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.					
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.					
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.					
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.					
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.					
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.					
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.					
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.					
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.					
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer.					

**Parte B**

	DT	D	NCND	C	CT
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.					
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.					
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.					
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.					
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.					
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.					
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.					
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.					
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.					
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.					
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça.					
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.					

**Parte C**

	DT	D	NCND	C	CT
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.					
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.					
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.					
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.					
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.					
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.					
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.					
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.					
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.					
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.					
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.					
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.					

**Parte D**

	DT	D	NCND	C	CT
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.					
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.					
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.					
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.					
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.					
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.					
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.					
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.					
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.					
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.					
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.					
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.					
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.					

**Parte E**

	DT	D	NCND	C	CT
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.					
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.					
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.					
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.					
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.					
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.					
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.					
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.					
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.					
10. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.					
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.					
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.					

**Parte F**

	DT	D	NCND	C	CT
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.					
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais					
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.					
4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer..					
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.					
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.					
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.					
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.					
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.					
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.					
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.					
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.					

## Anexo V. Medidas descritivas dos itens das subescalas da EAVN

Atitudes acerca da violência psicológica masculina	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
*Um rapaz não deve insultar a namorada	1	5	1	5	1.5	0.98
*Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer	1	5	1	5	2.2	1.20
Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos	1	5	1	5	1.8	1.12
Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados	1	5	1	5	2.6	1.20
*Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada	1	5	1	5	1.7	1.08
Por vezes os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas	1	5	1	5	2.6	1.24
Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar o namorado	1	5	1	5	1.6	0.96
Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer	1	5	1	5	1.4	0.80
*Um rapaz não precisa saber tudo o que a namorada faz	1	5	1	5	2.6	1.22
*Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada	1	5	1	5	2.1	1.16
É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso	1	5	1	5	2.2	1.09
Um rapaz pode dizer mal da namorada	1	5	1	5	1.4	0.72
*Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada	1	5	1	5	2.3	1.32
Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado	1	5	1	5	1.8	0.99
É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	1	5	1	5	1.5	0.85

\*Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4=discordo; 3=não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Atitudes acerca da violência física masculina	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
*Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater	1	5	1	5	1.6	0.95
Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados	1	5	1	5	1.9	1.14
*Não é correcto um rapaz bater na namorada	1	5	1	5	1.5	0.96
Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada	1	5	1	5	1.8	1.05
*Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada	1	5	1	5	1.8	1.08
Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita	1	5	1	5	1.9	1.14
*Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada	1	5	1	5	1.9	1.19
Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada	1	5	1	5	2.2	1.24
As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas	1	5	1	5	2.3	1.21
Por vezes o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada	1	5	1	5	1.9	1.14
Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	1	5	1	5	1.3	1.17
Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer	1	5	1	5	1.6	0.89

\*Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4=discordo; 3=não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Atitudes acerca da violência sexual masculina	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a rapariga para ter relações sexuais com ele	1	5	1	5	1.4	0.76
*Os rapazes são donos do corpo das namoradas	1	5	1	5	1.7	1.13
Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais	1	5	1	5	2.3	1.11
*Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas	1	5	1	5	1.4	0.95
*Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela o queira	1	5	1	5	1.6	1.03
Um rapaz pode forçar a sua namorada a beijá-lo	1	5	1	5	1.8	1.04
Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem	1	5	1	5	1.8	0.99
Para provar o seu amor uma rapariga tem de ter relações sexuais com o namorado	1	5	1	5	1.6	0.94
Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele	1	5	1	5	1.8	0.98
Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais	1	5	1	5	1.5	0.83
Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado	1	5	1	5	1.6	0.90
*Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais	1	5	1	5	1.8	1.24

\*Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4=discordo; 3=não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Atitudes acerca da violência psicológica feminina	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
*Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado	1	5	1	5	2.0	1.09
*Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado	1	5	1	5	2.1	1.10
As raparigas têm direito de dizer aos namorados o que devem vestir	1	5	1	5	2.1	1.19
Um rapaz deve fazer sempre o que namorada lhe diz para fazer	1	5	1	5	1.7	0.85
Se uma rapariga gritar e berrar com o namorado, não o magoa a sério	1	5	1	5	1.9	0.93
As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer	1	5	1	5	1.8	0.98
É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a rapariga quer	1	5	1	5	1.6	0.80
Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados	1	5	1	5	2.3	1.18
Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos	1	5	1	5	1.8	0.96
Uma rapariga pode dizer mal do namorado	1	5	1	5	1.5	0.81
É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa	1	5	1	5	2.4	1.24
Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem	1	5	1	5	1.9	1.08
Uma rapariga não deve controlar o que o rapaz veste	1	5	1	5	3.8	1.39

\*Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4=discordo; 3=não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Atitudes acerca da violência física feminina	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer	1	5	1	5	1.8	1.06
Não tem nada de mal se uma rapariga empurrar o namorado	1	5	1	5	1.9	1.03
Por vezes, as raparigas não podem evitar dar murros nos namorados	1	5	1	5	1.6	0.84
Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada	1	5	1	5	2.4	1.24
Por vezes uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar	1	5	1	5	1.8	1.05
Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece	1	5	1	5	2.4	1.30
*Uma rapariga não deve bater no namorado independentemente do que ele tenha feito	1	5	1	5	2.5	1.36
*Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada	1	5	1	5	2.9	1.31
Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado	1	5	1	5	1.7	0.89
*Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado	1	5	1	5	2.6	1.33
Algumas raparigas têm de bater nos namorados para serem ouvidas	1	5	1	5	1.8	0.94
*Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear	1	5	1	5	2.5	1.28

\*Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4=discordo; 3=não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Atitudes acerca da violência sexual feminina	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
*Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira	1	5	1	5	1.9	1.07
*Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	1	5	1	5	2.2	0.99
*Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais	1	5	1	5	2.4	1.12
*Uma rapariga só deve tocar no namorado nos sítios onde ele quer	1	5	1	5	2.1	1.12
Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar ter relações sexuais	1	5	1	5	2.1	1.13
Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	1	5	1	5	2.2	1.15
*As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles	1	5	1	5	1.9	1.26
*Mesmo se um rapaz tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias	1	5	1	5	1.7	0.95
*Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais	1	5	1	5	1.9	1.13
*As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas	1	5	1	5	1.8	1.11
Para provar seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada	1	5	1	5	1.7	0.95
Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele	1	5	1	5	1.7	0.97

\*Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4=discordo; 3=não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

## Anexo VI. Medidas descritivas dos itens das subescalas da CADRI

Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do próprio	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
Eu apresentei os meus motivos	0	3	0	3	2.4	0.89
Eu admiti que tinha alguma culpa	0	3	0	3	1.7	0.87
Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a)	0	3	0	3	1.4	1.01
Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a)	0	3	0	3	1.8	0.86
Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois	0	3	0	3	1.9	0.96
Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar	0	3	0	3	1.3	1.01
Eu discuti o assunto calmamente	0	3	0	3	1.9	0.97
Eu disse-lhe o quanto aborrecido(a) estava	0	3	0	3	1.4	1.09
Eu abandonei a sala para me acalmar	0	3	0	3	0.6	0.89
Eu desisti só para evitar um conflito	0	3	0	3	1.1	1.01

Estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
Eu atirei-lhe alguma coisa	0	3	0	3	0.15	0.49
Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros	0	3	0	3	0.10	0.40
Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo	0	3	0	3	0.08	0.38
Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o	0	3	0	2	0.09	0.36
Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a)	0	3	0	2	0.05	0.26
Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria	0	3	0	3	0.06	0.38
Eu ameacei-o(a) para tentar ter relações sexuais com ele(a)	0	3	0	3	0.04	0.31
Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria	0	3	0	3	0.32	0.64
Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava	0	3	0	3	0.08	0.36
Eu tentei assustá-lo(a) de propósito	0	3	0	3	0.36	0.68
Eu ameacei magoá-lo(a)	0	3	0	2	0.08	0.30
Eu ameacei terminar o namoro	0	3	0	3	0.52	0.79
Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a)	0	3	0	3	0.62	0.86
Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau	0	3	0	3	0.57	0.74
Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes	0	3	0	3	0.24	0.59
Eu culpei-o(a) pelo problema	0	3	0	3	0.80	0.88
Eu acusei-o(a) de se meter com outros(as) rapazes/raparigas	0	3	0	3	0.55	0.80
Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a)	0	3	0	2	0.04	0.21
Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a)	0	3	0	3	0.10	0.43
Eu gozei ou fiz pouco dele(a) em frente a outros	0	3	0	3	0.14	0.43
Eu espalhei boatos contra ele(a)	0	3	0	3	0.06	0.35
Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes	0	3	0	2	0.87	1.54
Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado	0	3	0	3	1.14	0.99
Eu controlo com quem ele(a) está e onde está	0	3	0	3	0.65	0.89

Estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas do outro	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
Ele(a) apresentou os motivos dele(a)	0	3	0	3	2.2	0.94
Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa	0	3	0	3	1.6	0.89
Ele(a) deu razões para achar que eu estava errado(a)	0	3	0	3	1.3	0.98
Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certo(a)	0	3	0	3	1.7	0.88
Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois	0	3	0	3	1.7	1.06
Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar	0	3	0	3	1.1	1.00
Ele(a) discutiu o assunto calmamente	0	3	0	3	1.7	1.06
Ele(a) disse o quanto aborrecido(a) estava	0	3	0	3	1.3	1.04
Ele (a) abandonou a sala para se acalmar	0	3	0	3	0.5	0.74
Ele(a) desistiu só para evitar um conflito	0	3	0	3	1.0	0.97

Estratégias de resolução de conflitos abusivas do outro	Mínimo teórico	Máximo teórico	Mínimo amostra	Máximo amostra	Média	Desvio-padrão
Ele(a) atirou-me alguma coisa.	0	3	0	2	0.15	0.45
Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.	0	3	0	3	0.06	0.29
Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	0	3	0	2	0.07	0.34
Ele(a) empurrou-me, deu-me encontros ou abanou-me.	0	3	0	2	0.07	0.33
Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.	0	3	0	2	0.09	0.34
Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.	0	3	0	3	0.18	0.62
Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.	0	3	0	3	0.10	0.42
Ele(a) beijou-me quando eu não queria.	0	3	0	3	0.37	0.70
Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	0	3	0	3	0.15	0.49
Ele(a) tentou assustar-me de propósito.	0	3	0	3	0.35	0.67
Ele(a) ameaçou magoar-me.	0	3	0	2	0.10	0.35
Ele(a) ameaçou terminar o namoro.	0	3	0	3	0.42	0.72
Ele(a) disse coisas só para me deixar furioso(a)	0	3	0	3	0.76	0.94
Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau	0	3	0	3	0.52	0.77
Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes	0	3	0	3	0.27	0.61
Ele(a) culpou-me pelo problema	0	3	0	3	0.80	0.92
Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas	0	3	0	3	0.57	0.81
Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim	0	3	0	3	0.17	0.49
Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim	0	3	0	3	0.13	0.51
Ele(a) gozou ou fez pouco de mim em frente a outros	0	3	0	3	0.30	0.67
Ele(a) espalhou boatos contra mim	0	3	0	3	0.13	0.46
Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes	0	3	0	3	0.92	0.90
Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado	0	3	0	3	0.87	0.92
Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou	0	3	0	3	0.76	0.93